

Porto Alegre | RS | Brasil

Ano XI | Número 109

Junho/julho de 2008

FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO



O Conselho Universitário indicou o bioquímico de 48 anos como o primeiro nome da lista tríplice que será enviada ao ministro da Educação. A escolha deu-se em meio a debates acirrados pela divergência de interpretações sobre o acordo firmado entre as chapas durante a campanha. A cobertura da reunião do Consun e uma entrevista com os professores Carlos Alexandre Netto e Rui Vicente Oppermann são os destaques das páginas 5 e central.

Carlos Alexandre Netto é o primeiro da lista tríplice enviada ao MEC

DISCRIMINAÇÃO

Escolhas marcam ponto para democracia

Apesar dos temas diferentes, os dois textos da seção Debates nesta edição discutem o acesso democrático aliado à questão racial. O doutorando Rafael Diehl problematiza o discurso meritocrático empregado pelos não favorecidos pelo sistema de cotas adotado para o ingresso na Universidade. Para o estudante, a meritocracia e o liberalismo só podem ser considerados em um contexto com igualdade de condições. Já o cientista político André Marengo analisa a vitória de Barak Obama, candidato negro de nome e família muçulmanos, sobre a senadora Hillary Clinton nas prévias do Partido Democrata nos Estados Unidos. Segundo o especialista, a razão do percurso bem-sucedido foi ter atraiado uma parcela do eleitorado que se mantinha alheia ao pleito, especialmente os mais jovens. Essa estratégia representou um diferencial entre as candidaturas presidenciais democratas naquele país. [Página 4](#)

ARTIGO

Reflexão sobre a reforma ortográfica

Página 2

FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO



ENGENHEIROS MERCADO CARECE DE PROFISSIONAIS

Em 2007, a Universidade formou 438 engenheiros. O número pode parecer alto, mas não supre a demanda por mão-de-obra qualificada. Estudos recentes indicam que o Brasil tem cerca de seis engenheiros para cada mil habitantes, enquanto países como os Estados Unidos e o Japão têm 26. Fernando Schnaid, coordenador do Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil, diz que o problema tem raízes históricas, pois durante a ditadura a imagem dos tecnocratas ficou associada aos profissionais de Engenharia. Além disso, os baixos salários da fase de desaceleração econômica fizeram com que muitos trabalhadores mudassem de área. Gilberto Cunha, coordenador da Comissão de Graduação da Engenharia Mecânica, acha que a falta de bons professores para o ensino de Matemática na educação básica também contribui para afugentar os jovens da carreira. [Página 11](#)

AMBIENTE

Rejeitos perigosos da Universidade exigem rigor no tratamento

Em um ano de atividades, a Coordenadoria de Gestão Ambiental da UFRGS já formou 160 agentes ambientais e implantou sistemas de coleta seletiva de lixo e de destino de materiais usados como óleo de fritura dos RUs, pilhas e lâmpadas fluorescentes. O trabalho maior, entretanto, está no encaminhamento de resíduos de alta periculosidade resultantes de pesquisas que envolvem produtos químicos, materiais radiológicos e os utilizados na área da saúde. Apesar dos setores responsáveis pelos

rejeitos existirem há mais de 10 anos, ainda há desigualdade nos resultados. Enquanto o Serviço de Proteção Radiológica é referência nacional, 11 toneladas de rejeitos químicos aguardam destinação final em depósito do Centro de Gestão e Tratamento de Resíduos Químicos, instalado no Campus Vale. De acordo com o coordenador da Gestão Ambiental da Universidade, Darci Campani, no segundo semestre terá início uma campanha de divulgação do trabalho com os resíduos. [Página 6](#)

CLIMA

Debate sobre as causas do aquecimento global divide pesquisadores

As estiagens registradas no Rio Grande do Sul nas últimas duas décadas são um testemunho do quanto o clima está mudando. No entanto, cientistas e instituições de pesquisa ao redor do mundo discordam sobre as causas do fenômeno. Na opinião do professor de Agrometeorologia da UFRGS, Moacir Antônio Berlatto, observações meteorológicas de longo prazo demonstram um aumento significativo da temperatura mínima no território gaúcho. Mas, outros fatores que interferem no clima, como o La

Niña, não permitem afirmar que a falta de chuva esteja relacionada ao aquecimento global. Francisco Eliseu Aquino, docente do Departamento de Geografia e doutorando em Climatologia e Mudanças Climáticas, acredita que as ações do homem, ao gerarem emissões como as dos gases de efeito estufa, podem contribuir para alterações do clima terrestre. Para o pesquisador, precisamos refletir sobre nossos hábitos de consumo e produção, procurando energias e fontes alternativas. [Página 10](#)

FABIO DEL RE



ARQUITETURA

Novo museu fortalece meio cultural

Encravado entre o Guaíba e uma encosta de mata nativa, o prédio que desde o início de junho abriga a nova sede da Fundação e Museu Iberê Camargo trouxe vitalidade para o meio cultural porto-alegrense. Os professores da UFRGS José Luiz Canal e Mônica Zielinsky, diretamente envolvidos na implantação do novo espaço, opinam sobre sua importância. [Página 13](#)

CINECLUBISMO

Tecnologias impulsionam movimento e renovam o público

[Página 12](#)

Espaço da Reitoria

Balanco positivo

Em maio realizou-se o 3º Salão de Graduação e o 4º Salão de Educação a Distância da UFRGS com o tema “Inovações na Graduação”, numa iniciativa conjunta da Pró-reitoria de Graduação e da Secretaria de Educação a Distância, com o objetivo de apresentar as experiências de graduação e os projetos de educação a distância que vêm sendo desenvolvidos na Universidade.

Durante a realização dos Salões, foi possível observar como a UFRGS, sempre atuando de forma inovadora, vem expandindo com qualidade a sua graduação. Seja através do aumento de vagas nos cursos existentes ou da oferta de novos cursos presenciais em parcerias com outras IES. Inova ao utilizar as novas tecnologias de EAD e ao oferecer cursos totalmente a distância. Inova ao propor o Curso de Odontologia noturno, único em universidade federal, o Curso de Gestão em Sistemas e Serviços de Saúde, com formação tecnológica e o Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes para disciplinas da educação profissional em nível médio, entre outros.

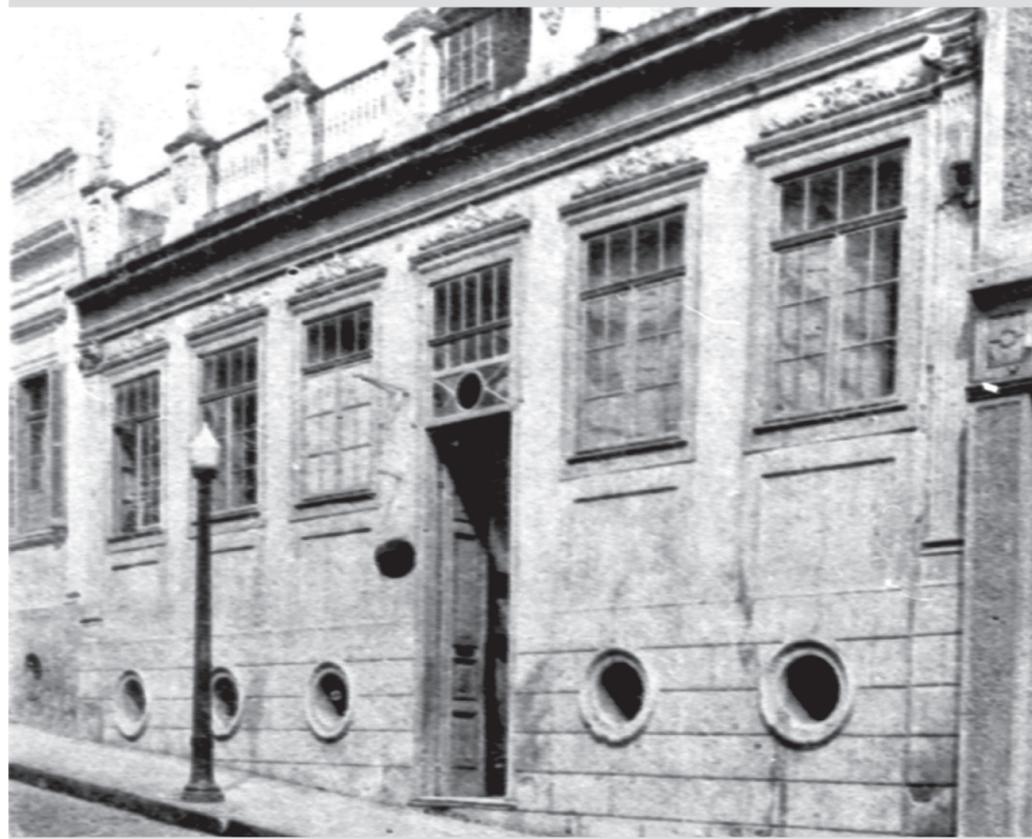
Os participantes perceberam que os objetivos para a realização dos dois Salões, que são o de explicitar e fomentar os pontos de interação e cooperação existentes entre as modalidades de ensino presencial e a distância, foram amplamente alcançados.

Mais uma vez reforçamos nosso entendimento quanto ao importante papel que a Graduação possui nesta Universidade, e que mesmo sendo aquela atividade que esteve nos primórdios de nossa formação há mais de um século, está em constante aprimoramento e no centro das atenções de nossa comunidade.

José Carlos Ferraz Hennemann
Reitor

Memória da UFRGS

ACERVO MUSEU DA UFRGS



► **1900-1924** Prédio da antiga sede da Faculdade de Medicina, localizado na rua General Vitorino, no centro da capital. No próximo dia 25 de julho, a instituição criada a partir da Escola de Partos da Santa Casa e da Escola de Farmácia de Porto Alegre, irá completar 110 anos de fundação



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
José Carlos Ferraz Hennemann
Vice-reitor
Pedro Cezar Dutra Fonseca
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretária de Comunicação Social
Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial
Artur Lopes, Daltro José Nunes, Dirce Maria Antunes Suertegaray, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Maria Henriqueta Luce Kruse, Rudimar Baldissera, Sandra de Deus, Sérgio Marley Modesto Monteiro

Editora-chefe
Ánia Chala
Repórteres
Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira
Bolsistas
Débora Gastal, Diego Difini e Fagner Nogueira
Colaboraram nesta edição
Fatimariel Lunardelli e Fernando Favaretto
Projeto gráfico e diagramação
Juliano Bruni Pereira
Fotografia
Cadinho Andrade e Flávio Dutra
Revisão
Débora Gastal e Jacira Cabral da Silveira
Circulação
Márcia Fumagalli
Fotolitos e impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem 12 mil exemplares

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

Cães no Campus I

É lamentável que alguns façam uma análise tão superficial acerca dos animais presentes no Campus do Vale, que não apresenta qualquer barreira ao trânsito de pessoas e animais. Somos rodeados por uma comunidade carente, onde os cães procriam sem nenhum controle. Claro que sua presença no Campus não é ideal, mas criticar sem apresentar sugestão para melhora me parece uma atitude comodista e indigna de pessoas esclarecidas. Sugiro aos incomodados que adotem uma posição construtiva em relação ao problema. — Zingara Lubaszewski, funcionária do Instituto de Informática

Cães no Campus II

Na edição de março do JU, uma professora do Departamento de Sociologia criticou a ação de extensão Associação de Defesa Animal e Ambiental do Campus do Vale (ADAAC), sob minha coordenação, que tenta lidar com o sério problema dos animais abandonados no Campus do Vale. Mais uma vez, temos a decepcionante percepção de que o fato de se estudar uma disciplina que deveria fornecer subsídios para um melhor entendimento da vida em sociedade, não leva, obrigatoriamente, o pesquisador a um desempenho interpretativo melhor do que os leigos nesta área do saber. Em sua

visão parcial, a professora aparentemente não entendeu (ou não leu na íntegra) a matéria publicada. Ela chega a extremos de cogitar que cães abandonados usem focinheiras e invoca, equivocadamente, uma lei municipal que se aplica apenas a determinadas raças e que nada tem a ver com o problema de animais abandonados. Desde 2007, a legislação municipal permite a presença de animais nos ambientes educacionais. Assim, a UFRGS está absolutamente dentro das normas legais. E a ADAAC segue ainda a legislação federal e o plano de gestão ambiental da universidade. — Renato Zamora Flores, professor do Departamento de Genética

Artigo

Quando *reduzir* não é *simplificar*: reflexão sobre a reforma ortográfica

O Brasil se prepara para implementar uma reforma ortográfica, fruto de um acordo entre países de língua portuguesa. Nascido na década de 90 e revigorado nos últimos anos, o projeto prevê a unificação da escrita nos oito países que fazem parte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Portugal, que se mostrava resistente nesta última fase, assinou recentemente o documento, sob acalorada discussão - já que a Reforma afeta de forma mais significativa a variedade lusitana do português do que a brasileira. Apesar disso, não se pode negar que ela tem importantes consequências também para os brasileiros.

Pode-se dizer que uma reforma ortográfica, em princípio, norteia-se por pelo menos dois objetivos: o de unificação e o de simplificação. Ainda que se possa criticar, por diversos ângulos, a validade da unificação oriunda da Reforma - seja porque ignora a variabilidade da língua falada, que tem inevitáveis reflexos na escrita, seja porque pode gerar um impacto econômico e político em certa medida desfavorável aos países envolvidos -, não há dúvida de que, oficialmente, com o Acordo, unificam-se as escritas. O aspecto, todavia, que quero problematizar brevemente aqui é a suposta simplificação. Essa questão - que toca diretamente aos lingüistas - foi banalizada, em meu entendimento, na construção desse projeto. “Simplificar”, em Lingüística, quer dizer bem

mais do que “diminuir”. O fato de se abolir um trema aqui, um acento ali não faz da língua escrita necessariamente mais simples. Quando se fala em linguagem, o termo “economia” precisa estar associado a “naturalidade”. Para entender com clareza essa idéia, basta pensarmos nas razões por que usamos um sistema alfabético. Esse sistema nasceu sob uma hipótese de pareamento entre sons e letras. Se tomarmos essa hipótese em isolado, podemos avaliar a eficácia de um sistema ortográfico na medida de sua aproximação com a língua falada. É claro que isso não é tão simples assim. Sabe-se que sistemas gráficos são de natureza estática, enquanto a língua falada é dinâmica, isto é, está sujeita a mudanças a qualquer tempo, independentemente de decisões provindas da boa ou da má vontade política de alguém. Todavia, essas naturezas distintas que individualizam fala e escrita, apesar de serem responsáveis pelo distanciamento entre elas, não afetam a natureza de sua relação,



mucho está em desuso em português. Não se considera, entretanto, que ele é responsável ainda por informar a um leitor aprendiz de português (o que vai desde um falante nativo se alfabetizando até um estrangeiro estudando nosso idioma) se o u é ou não pronunciado nas seqüências gu e qu seguidas de e ou i. Em relação aos ditongos abertos, a questão é ainda mais séria. A proposta falha por falta de uniformidade e por negligenciar o aspecto fonético. Perde

isto é, esses dois sistemas ensinam isomorfismo. Uma reforma - se necessária - deveria trabalhar na esfera dessa tensão.

Por limitações de espaço, vou tomar apenas dois aspectos do Acordo que podem exemplificar bem seu caráter pouco simplificador (para não dizer “complicador”): o fim do trema (*lingüiça*, que passa a *linguiça*) e a extinção do acento gráfico dos ditongos abertos em posição medial (*retinóico*, que passa a *retinoico*). Em relação ao trema, alguns poderiam dizer que há

uniformidade ao determinar a eliminação do acento nas paroxítonas mas sua manutenção em posição final. Assim, *herói* será acentuado, enquanto *heróico* não. Falha também por ignorar que o diacrítico em ditongos abertos traduz mais do que tonicidade - ele é, sobretudo para a variedade brasileira do idioma, também um indicativo de timbre, ou seja, as pessoas sabem, a partir dessas marcas, que a pronúncia de *é* e *ó* deve ser aberta. Nessa relação de complexificadores, poderíamos ainda citar alguns aspectos referentes às mudanças no uso do hífen e ao tratamento que será dado às palavras com consoantes não-pronunciadas.

Com esses argumentos, não quero imprimir uma postura anti-reformista de base; pelo contrário: entendo que reformas em sistemas estáticos são necessárias, muitas vezes, para acompanhar a evolução dos setores dinâmicos. O fato é que convivemos com um sistema gráfico muito complexo (em oposição, no que se refere à acentuação gráfica, por exemplo, à escrita do inglês). A questão primordial é, pois, atacar o problema, isto é, o único modo de se reduzir complexidade é com uma proposta de simplificação - que leve em conta economia e naturalidade. Isso não enxergo de pleno na reforma proposta.

Prof. Dr. Luiz Carlos Schwandt
Departamento de Lingüística, Filologia e Teoria Literária - Instituto de Letras



Jovem Cientista Educação para reduzir as desigualdades sociais

O Prêmio Jovem Cientista 2008 está com inscrições abertas até 8 de agosto. O concurso é uma iniciativa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Grupo Gerda e Fundação Roberto Marinho. A temática deste ano propõe trabalhos que tragam a educação como mecanismo redutor das desigualdades sociais. O regulamento completo e a ficha de inscrição estão disponíveis no [site www.jovemcientista.cnpq.br](http://www.jovemcientista.cnpq.br).

Extensão Interfaces com a comunidade

As inscrições de trabalhos para a 9ª edição do Salão de Extensão da UFRGS podem ser feitas até 11 de julho. O evento, que ocorrerá entre os dias 2 e 5 de setembro, irá apresentar atividades de integração entre a universidade e a comunidade. Coordenadores de ações de extensão devem inscrever seus projetos através do endereço www.proext.ufrgs.br/9salao, onde também encontrarão o regulamento do encontro.

Pesquisa XX Salão de Iniciação Científica

Até 20 de julho, estão abertas as inscrições para a apresentação de trabalhos no Salão de Iniciação Científica 2008. Para participar, o aluno deve estar envolvido em atividade de pesquisa sob a orientação de professor e matriculado em um curso de graduação, na UFRGS ou em outras instituições. O evento será realizado de 20 a 25 de outubro. Mais informações no [site www.ufrgs.br/propeq](http://www.ufrgs.br/propeq).

Comunicação Universidades compartilham conteúdo multimídia

Em maio, a UFRGS TV participou do seminário "Constituição da RedeIFES", em Uberlândia, Minas Gerais. O encontro debateu a implantação do projeto de intercâmbio de produções multimídia entre as Instituições Federais de Ensino Superior do Brasil. Fernando Favaretto, diretor de jornalismo da UFRGS TV, informa que, desde maio, a Universidade veicula conteúdos vindos de outras instituições. A partir da oficialização do projeto, a UFRGS obteve mais espaço na UniTV e todas as segundas-feiras, às 21h30min, no canal 15 da NET, o telespectador pode assistir programas produzidos em diversas partes do país.

Encontro Discutindo as fontes da História

Sob o tema *Vestígios do Passado: A História e suas Fontes*, será realizado entre os dias 14 e 18 de julho, no Campus Vale da UFRGS, o IX Encontro Estadual de História. O evento é bianual e terá apresentação de trabalhos em 21 simpósios temáticos e 13 mini-cursos, além da exposição de pôsteres pelos alunos de graduação. Cerca de 439 trabalhos e pôsteres foram aprovados para participar do encontro, e destes, 116 são da UFRGS. O público previsto é de 850 participantes. O Jornal da Universidade entrevistou Benito Bisso Schmidt, atual presidente da Associação Nacional de História no Rio Grande do Sul (ANPUH-RS) e professor do Departamento de História da UFRGS:

JU - Quais as mudanças na relação entre historiador e fonte?

Benito Bisso Schmidt - No século XIX, a História tinha a preocupação de descobrir

o que realmente aconteceu no passado. Os historiadores acreditavam que os documentos oficiais, principalmente os escritos, eram as fontes mais verdadeiras. Porém, hoje sabemos que a construção da verdade é também uma construção do historiador. Uma das consequências disso foi a ampliação do que se entende por fonte histórica. Qualquer vestígio do passado - e por isso o nome do simpósio - é uma fonte. Desde que o historiador faça uma pergunta adequada.

JU - Essas novas fontes podem levar a uma nova maneira de fazer história?

BBS - No Brasil, desde os anos 80 se fala em uma nova historiografia. Um dos traços disso é a preocupação com grupos sociais que antes não eram levados em conta. Hoje, a ideia de que podemos resgatar o passado da maneira como ele aconteceu não está mais em voga. Temos questões colocadas pelo presente, que atizam o olho do histori-

ador para se voltar ao passado. As interpretações, a forma de se ver as fontes e a própria concepção do que é uma fonte vão se modificando com o decorrer do tempo.

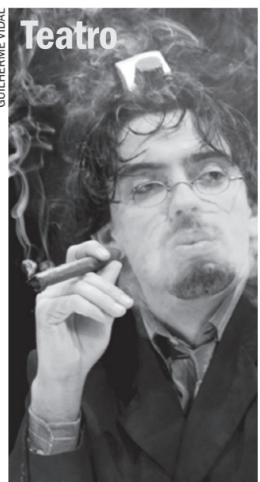
JU - Quais as tendências na pesquisa de fontes históricas na UFRGS?

BBS - No Departamento de História temos professores que trabalham com fontes orais, com entrevistas, com a questão da memória. Temos também professores que trabalham com fontes oficiais, mas propondo novas leituras. Nosso Departamento tem acompanhado as tendências mais inovadoras do conhecimento histórico destes últimos tempos.

Informações para inscrição de participantes e a programação completa do encontro podem ser encontradas no [site www.eeh2008.anpuh-rs.org.br](http://www.eeh2008.anpuh-rs.org.br).



Benito Schmidt:
a construção da verdade é também uma construção do historiador



Teatro Ex-aluno ganha bolsa Erasmus Mundus

Maico Silveira, ex-aluno do Departamento de Artes Dramáticas do Instituto de Artes da UFRGS foi selecionado para o mestrado na Universidade Paris VIII, através do programa "Erasmus Mundus - um estudo do espetáculo vivo". O projeto que garantiu sua bolsa intitula-se *O jogador de futebol e o ator - um corpo preparado para o jogo*, que, segundo ele, "estuda a relação dos trabalhos corporais que os dois profissionais precisam fazer para entrar em cena". Maico formou-se em agosto de 2007 e, em setembro deste ano, embarca para a Europa. "Foi o primeiro mestrado que tentei, e ganhar a bolsa foi uma surpresa muito boa. No fundo, a gente nunca acredita que vai conseguir", revela. Em 2006, ele recebeu com outros quatro colegas o Prêmio Jovem Pesquisador da UFRGS na área de Letras, Linguística e Artes.

Pós-graduação Mestrado em Design e Tecnologia

Até 16 de julho, o curso de mestrado em Design e Tecnologia estará recebendo inscrições para sua segunda edição. A pós-graduação une disciplinas de Engenharia e Arquitetura e do Instituto de Artes da UFRGS, nas seguintes linhas de pesquisa: materiais e processos de fabricação; produtos industriais, gráficos e sistemas visuais; interfaces tecnológicas; e design virtual. O curso tem duração de dois anos, em período integral e irá selecionar até 38 candidatos, distribuídos de acordo com a capacidade de cada linha de pesquisa. Mais informações sobre o processo seletivo podem ser encontradas no [link www.pgdesign.ufrgs.br](http://www.pgdesign.ufrgs.br).



Acima, produtos desenvolvidos pela equipe do Núcleo de Design de Superfície da UFRGS (NDS) em parceria com empresas privadas.

Artes Bolsa Iberê Camargo 2008

Desde 2001, a Fundação Iberê Camargo oferece oportunidades de aperfeiçoamento para artistas visuais brasileiros em centros de arte internacionais. Na oitava edição do prêmio, os destinos escolhidos são Blanton Museum of Art, da Universidade do Texas (EUA), e Maus Hábitos - Espaço de Intervenção Cultural (Portugal). Serão selecionados dois candidatos, que terão seus trabalhos divulgados no [site](http://www.iberecamargo.org.br) da Fundação. Os escolhidos receberão uma bolsa-auxílio que inclui o pagamento de taxas e passagens aéreas mais ajuda de custo no valor de R\$ 8 mil. As inscrições poderão ser feitas até 18 de julho através do endereço www.iberecamargo.org.br ou pelo telefone (51) 3247-8000.

Premiação Aluno da música recebe distinção internacional

Eduardo Galiano Knob, aluno de bacharelado em piano no Instituto de Artes da UFRGS conquistou o primeiro lugar no concurso Bauru-Atlanta Competition, realizado na cidade de Bauru, em São Paulo. O estudante concorreu com um repertório de três composições: Variações em fá, de Haydn; Estudo para os oito dedos, de Debussy; e Polonaise nº 2, de Liszt. O prêmio é a oportunidade de fazer um recital na *Georgia State University*, em Atlanta. Ao todo, 18 músicos participaram da competição. "No fim das provas, sinceramente, ninguém ousava dizer quem seria o vencedor. Este prêmio é o mais importante que já ganhei, pois com certeza foi o mais batalhado", afirma. Eduardo Luis Fernando Rayo, também aluno de piano do Instituto de Artes, recebeu o segundo lugar.

Intercâmbio Reino Unido oferece bolsas de estudo

O programa *Chevening*, que oferece bolsas de pós-graduação no Reino Unido recebe inscrições até 31 de julho. Podem concorrer profissionais que tenham ao menos dois anos de experiência no mercado. Os candidatos devem ser brasileiros, ter nível superior completo e proficiência em inglês. A duração do programa pode variar entre três e doze meses, de acordo com o curso. As bolsas incluem diversas áreas de atuação. Outras informações podem ser obtidas no endereço www.universia.com.br/materia/materia.jsp?id=15500.

Dicas de sites

Laboratório de Meteorologia e Qualidade do Ar
www6.ufrgs.br/lmqa

Página do Laboratório de Meteorologia e Qualidade do Ar do Centro de Sensoriamento Remoto e Meteorologia da UFRGS, que disponibiliza serviços como previsão do tempo, temperatura, umidade do ar e índices pluviométricos, entre outros dados, por regiões e municípios do Rio Grande do Sul. O laboratório utiliza o *Brazilian Regional Atmospheric Modeling System (BRAMS)*, modelo americano que faz previsões localizadas, baseadas em estatísticas. Os prognósticos são elaborados duas vezes ao dia, de manhã e à tarde. Quem desejar, pode receber boletins meteorológicos específicos via e-mail, fazendo a solicitação pelo [link](http://www6.ufrgs.br/lmqa) "contato".

Porta Curtas
www.portacurtas.com.br

Portal que possibilita ao visitante assistir e pesquisar curtas-metragens. Também é possível formar sua própria cinemateca, baixando os filmes para o seu computador. Ao todo, são 4.311 curtas disponíveis para pesquisa e 605 para assistir, nos gêneros animação, conteúdo adulto, documentário, experimental e ficção. O [site](http://www.portacurtas.com.br) é uma iniciativa da Petrobras e tem o objetivo de promover a produção cinematográfica nacional. No [link](http://www.portacurtas.com.br) "tem um site?", o visitante aprende como exibir os filmes na sua própria página, e na opção "curta clube" pode cadastrar-se para receber um boletim informativo semanal com as novidades do cinema.



Cotas: meritocracia e discriminação

Rafael Diehl *

A UFRGS experimentou este ano seu primeiro vestibular com cotas para estudantes egressos de escolas públicas, autodeclarados afrodescendentes e indígenas. Logo após a divulgação das médias, assistimos a um movimento de reivindicações na Justiça quanto à perda de vaga devido à reserva para cotistas. As justificativas recorrem ao argumento de ter havido discriminação para estes vestibulandos que teriam alcançado a média necessária, mas não ingressaram porque cotistas, que fizeram uma média menor, preencheram as vagas.

O uso do argumento da discriminação paradoxalmente busca negar a validade das cotas sem considerar que estas foram estabelecidas partindo do histórico de discriminação e acesso restrito ao ensino superior para estes grupos. As cotas, como ação afirmativa, buscam produzir uma modificação na lógica de ingresso à universidade pública, que privilegia aqueles que conseguem operar em um domínio de habilidades definido pela prova do vestibular. Em nossa configuração social, ser hábil neste domínio exige poder operar com um conjunto de bens culturais que estão desigualmente distribuídos na sociedade, o que se reflete na pequena presença de negros e pobres em cursos de grande procura e exigência de médias altas.

Mas porque a discriminação pode ser usada como argumento contra as cotas? A resposta está no discurso meritocrático que efetivamente sustenta a argumentação contra as cotas, pois a discriminação alegada no vestibular só pode ser justificada pela posição inquestionável do mérito na pontuação da prova.

O que define a discriminação é a negação da legitimidade do outro a partir de uma característica específica. No caso das cotas, há uma tensão produzida pela afirmação de uma diferença intrínseca, que produz historicamente uma desigualdade de acesso a bens econômicos e culturais.

O discurso da meritocracia e do liberalismo se assenta na igualdade de condições para a livre iniciativa e concorrência. Por princípios lógicos, ele também é contra a discriminação enquanto impeditiva da livre escolha e possibilidade de mudanças na condição social. Por esse motivo, a discriminação racial, por ser referida a uma característica intrínseca, é rechaçada pelo discurso liberal-meritocrático, pois não pode ser obstáculo a uma mudança de condição social.

Seria lógico usar o argumento da discrimi-

nação no vestibular se o discurso meritocrático que o sustenta não negasse por princípio sua presença na sociedade, pois é justamente pela existência da discriminação histórica que as cotas foram propostas.

Mas há peculiaridades entre a diferença da pobreza e do racismo. Enquanto a diferença de cor é abrandada com a suposta democracia racial existente no Brasil, a pobreza é aceita parcialmente como determinante para o escasseamento de condições por ser uma característica não intrínseca, ou seja, cada sujeito pode, numa sociedade liberal, mudar sua situação socioeconômica. Observem que a diferença na cor da pele é despotencializada porque sua aceitação mina o edifício liberal, pois é diferença imutável que tem efeitos históricos na condição socioeconômica. Por esse motivo, seu abrandamento permite que as discussões se concentrem na diferença de renda que, considerada mutável, pode ficar mais facilmente

sob o jugo do discurso meritocrático.

Dessa forma, a discriminação pode ser usada como argumento por aqueles que “perderam” sua vaga para alunos cotistas porque ela não deve existir em uma sociedade liberal e meritocrática. O que fica difícil de perceber é que a discriminação estava apenas encoberta pelo discurso meritocrático antes que se messe em privilégios justificados liberalmente, sendo necessário então negar sua existência cotidiana e histórica que produziu efeitos consistentes sobre as minorias.

Por fim, o fato de a ação afirmativa ocorrer em um reduto em que o serviço público demonstra excelência, explícita uma ênfase entre duas concepções do que é público, a que o considera como um bem de todos e a que o define como aquilo pelo que não precisamos pagar. A ênfase se delinea quando estes serviços são considerados bons ou ruins, criando a divisão de que os serviços públicos de acesso

universal são ruins, ou ruins porque de acesso universal, e aqueles que guardam excelência devem ser distribuídos conforme critérios de mérito, numa lógica competitiva conforme o mercado.

Talvez este episódio mostre que as exigências feitas ao Estado no sentido de garantir as condições de igualdade para que os indivíduos possam competir em um mercado livre só valem quando elas não tocam nos pilares inconscientes do discurso liberal-meritocrático. Assumir a diferença de cor da pele e seus efeitos sociais implica considerar que o Estado não pode privilegiar apenas aqueles que se sobressaem na competição cotidiana, que tem se pautado pela negação da legitimidade do outro, a desvalorização das diferenças e a afirmação de bens individuais e de acesso restrito.

* Psicólogo social, doutorando em informática na Educação/UFRGS

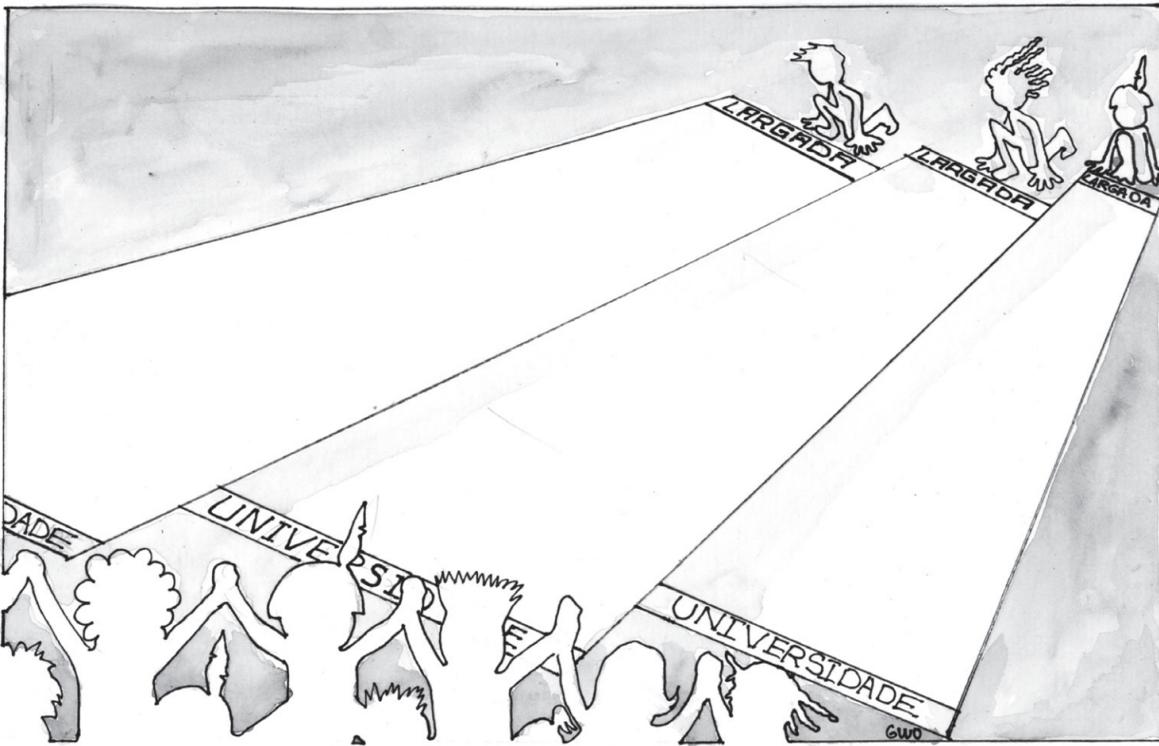


ILUSTRAÇÃO: GWOENE/NIQ

Obama e o teste da democracia americana

André Marengo *

O ciclo de primárias e *caucuses* do Partido Democrata americano foi finalmente concluído com a vitória de Barack Obama, a ser confirmada ainda na Convenção partidária de agosto. Mais de 37 milhões de eleitores participaram da disputa entre os candidatos democratas, número altamente expressivo, principalmente quando estamos acostumados a ouvir comentários sobre a “crise da democracia representativa”, “a decadência dos partidos políticos”, “a falta de interesse pela política”. Quase desconhecido há seis meses, mesmo para os americanos, Obama derrotou a então favorita do *establishment* democrata, a ex-primeira dama e senadora por dois mandatos, Hillary Clinton. Como entender este fenômeno? De onde vem a força e o apelo de Barack Obama?

As eleições presidenciais norte-americanas têm apresentado longos ciclos de domínio democrata ou republicano. Os democratas predominaram dos anos 30 aos 60, com um pequeno intervalo no governo Eisenhower. Durante os anos 60, o conservador eleitorado democrata do Sul migrou para o lado republicano, como reação à afirmação dos direitos civis, patrocinada pelos governos democratas. Isto

provocou uma mudança na relação de forças, inaugurando um longo ciclo de hegemonia republicana: das 10 eleições presidenciais americanas desde 1968, 7 foram vencidas pelos republicanos. Desde então, a dinâmica da disputa eleitoral tem sido pautada por um duplo movimento: republicanos deslocando-se cada vez mais à direita para garantir o voto dos ultra-conservadores religiosos; democratas, uma derrota após a outra, tentando parecer-se com republicanos para conquistar o voto dos eleitores mais moderados. A estratégia pragmática de Hillary Clinton constituía em repetir o *mais do mesmo* que vem sendo promovido (com limitado sucesso) pelos estrategistas democratas. Obama adotou um caminho diferente: atrair a enorme parcela do eleitorado americano, em especial de uma geração mais nova, e que tem se mantido indiferente à disputa eleitoral. As taxas de abstenção eleitoral nos Estados Unidos são muito elevadas. Em média, 50% dos cidadãos adultos abs-

Sua biografia é o emblema da mobilidade intergeracional de e para um importante grupo de negros

tem-se nas eleições presidenciais, proporção que chega a 70% nas eleições legislativas de *midterm*.

Os Estados Unidos são (perdão pelo lugar comum) uma *terra de contrastes*: primeiro país a promover eleições sem requisitos de renda ou propriedade para o exercício do voto (desde 1828), impediu por meio de leis segregacionistas estaduais ou da violência física que negros chegassem às urnas, até quarenta anos atrás.

Neste contexto, a ascensão de Obama apoiado em uma geração pós-políticas segregacionistas completa o ciclo percorrido pelas instituições poliárquicas, que inicia pelo *enfranchisement* dos direitos civis e políticos e culmina com a quebra da última das barreiras raciais, a da Presidência.

A biografia de Barack Obama é agora bastante conhecida: negro, de pai queniano e muçulmano, tendo vivido até a adolescência fora dos EUA, formado em Ciência Política pela Universidade de Colúmbia e Direito por Harvard,

com ingresso na política após trajetória de defesa dos direitos civis, é o emblema da mobilidade intergeracional de e para um importante grupo de negros americanos. Há pouco mais de uma década, Samuel Huntington, um cientista político conhecido por suas afinidades conservadoras, publicou seu livro *O Choque de Civilizações* em que, entre outras hipóteses, afirmava que democracia constituía um patrimônio ocidental, com DNA protestante e anglo-saxão. Alguns anos mais tarde, Huntington voltaria ao tema afirmando que os EUA estariam vivendo uma crise de identidade e que a solução seria adotar políticas restritivas à imigração, como forma de preservar a candidez de seus valores culturais. Tapa de luva da fortuna, que a revitalização da democracia americana e as apostas dos eleitores para reverter a crise econômica e oferecer uma saída para o *puzzle* iraquiano sejam confiadas a um negro de nome e família muçulmano, sem que estas credenciais até o momento pareçam comprometer decisivamente suas probabilidades de conquistar a Presidência. Ponto para a democracia.

* Centro de Estudos sobre Governo, Programa de Pós-graduação em Ciência Política da UFRGS

Gestão 2008-2012 Em sessão tensa, Consun escolhe Chapa 2 para encabeçar a lista tríplice

Conselho Universitário indica Netto vencedor

Ânia Chala

Ao final de mais de seis horas de discussão, o Conselho Universitário da UFRGS (Consun) elegeu, em 4 de julho, o professor Carlos Alexandre Netto como o primeiro da lista a ser encaminhada ao Ministério da Educação.

A sessão foi marcada por debates quanto ao cumprimento do acordo firmado durante o processo de Consulta à Comunidade e à forma de cálculo dos resultados. Conselheiros insatisfeitos chegaram a propor a anulação da consulta ocorrida em 12 de junho e a realização de um novo pleito.

O acordo estipulava pesos de 40% para os docentes e 30% para estudantes e técnicos-administrativos. Desde o término da consulta, tanto a Chapa 1, da ex-reitora Wrana Maria Panizzi, quanto a Chapa 2, do professor Carlos Alexandre Netto, declararam-se vencedores.

Na abertura da sessão, o presidente da Comissão de Consulta, professor Celso Loureiro Chaves, fez a leitura dos resultados oficiais e apresentou uma série de sugestões, entre elas: “adequar mais estreitamente as diretrizes para o processo de Consulta à forma de votação eletrônica, deixando de incluir nas diretrizes expedientes inadequados ao sistema de votação adotado. Neste sentido, a consolidar-se a consulta eletrônica, sugere-se que o Centro de Processamento de Dados seja ouvido preliminarmente ao estabelecimento de diretrizes; que haja regramento para a divulgação do material de campanha, evitando dano aos prédios históricos e ao patrimônio público; que sejam acordados previamente procedimentos éticos para candidatos e apoiadores; que as listas de presença das seções eleitorais sejam impressas em papéis de cores diferentes, prevenindo equívocos no preenchimento das mesmas; e que a Universidade faça um forte programa de treinamento para inclusão digital do conjunto de seus servidores”.

Protesto – Antes do início da votação, 22 conselheiros se retiraram, numa manobra que quase impediu a continuidade dos trabalhos por falta de quórum. Os representantes do Diretório Central dos Estudantes, em luta pela paridade entre os votos de professores, técnicos e estudantes, alegaram que não poderiam participar de um processo do qual discordavam. Alguns dos representantes dos técnicos-administrativos e dos apoiadores da Chapa 1 também deixaram a reunião. Ainda assim, 51 conselheiros votaram: Carlos Alexandre Netto obteve 47 votos e Wrana Maria Panizzi 3. Houve apenas um voto nulo.

Para o reitor, José Carlos Henemann a votação no Consun seguiu a legislação vigente, pois o descumprimento da lei 9.192/95 (que estipula o peso de 70% para o voto dos docentes) poderia acarretar na nulidade do processo. Ele avalia que a disputa acirrada ocorrida durante a Consulta refletiu-se na reunião do Consun. “No entanto, a forma como é feita a votação precisa atender a dispositivos legais, que estão acima da disposição da comunidade. Cabe à Universidade alterar seu Estatuto de forma a ter maior flexibilidade para a realização das próximas consultas”, frisou.



Ao final de uma longa sessão, conselheiros aplaudiram a indicação de Carlos Alexandre Netto

Entrevista Celso Loureiro Chaves “A consulta oficial deve obedecer à lei”

O presidente da Comissão de Consulta, professor Celso Loureiro Chaves, avalia o processo eleitoral na UFRGS lembrando que a lei 9.192/95 não foi revogada nem modificada. Para ele, o debate não deve obscurecer a qualidade do pleito eletrônico realizado pela Universidade.

Jornal da Universidade – Qual sua avaliação do processo de consulta?

Celso Loureiro Chaves – Promovemos quatro debates oficiais realizados nos *campi*, cujo formato deu uma boa chance das chapas se manifestarem e divulgarem seus pontos de vista. Tivemos um trabalho imenso de organização das 58 seções eleitorais diante do novo sistema de votação eletrônica. Organizamos as seções calculando a circulação de pessoas nesses *campi* e mobilizando as direções das unidades, sendo que a Comissão funcionou com o auxílio e participação ativa do Centro de Processamento de Dados (CPD) da UFRGS. A votação foi um momento histórico: pela primeira vez se fez um pleito eletrônico para reitor com resultados técnicos excelentes. Promovemos uma sessão de orientação para os presidentes, mesários e secretários, prevendo todos os procedimentos que as seções eleitorais deveriam fazer e também os casos de emergência e soluções.

JU – Como foi feita a apuração dos votos?

CLC – Trabalhamos com dois tipos de documentos: as atas eletrônicas das seções, que registraram o que o sistema tinha como dado, e as atas “humanas”, geradas a partir de cada seção eleitoral, em que eram anotados os eventuais problemas ocorridos durante a votação. Na hora da apuração, a primeira coisa que fizemos foi comparar a ata eletrônica

e a ata humana. Não havendo discrepância, a seção era homologada. Mas se os números não coincidiram, procurávamos comparar esses dois documentos com o acréscimo de um terceiro, a lista eletrônica dos que votaram. Outro aspecto inovador foi o fato de que qualquer pessoa podia votar em qualquer seção. Através da comparação entre as atas, em todos os casos, foi possível identificar exatamente o que havia acontecido, qual a origem da discrepância de número. Com todo esse cuidado, a totalidade das 58 urnas foi homologada.

JU – Qual a posição da Comissão de Consulta diante da polêmica em torno dos percentuais adotados?

CLC – A Comissão, que trabalhou com mandato do Conselho Universitário, reage da seguinte forma: não é verdade que não havia uma definição sobre o processo eleitoral. Havia, a lei 9.192/95, que não foi revogada nem modificada. Aí se levanta a questão de que outras universidades teriam feito outros cálculos. Ocorre que a Consulta à Comunidade está no Estatuto e no Regimento da Universidade. Lembro o sabor quase subversivo que teve, nas reuniões de regimento e estatuto no século passado, a inserção da consulta. Naquele tempo, ainda havia dúvida se a universidade podia ou não fazer um processo como esse. Foi uma vitória muito grande ter incluído isso em nosso maior diploma legal. A lei diz que, se houver uma consulta oficial, ela deve garantir a participação de 70% de peso para o voto dos docentes. A nossa consulta é oficial e, sendo assim, está sob o mandato da lei. Isso, no meu entender, está sendo esquecido nesta discussão. Não podemos descombinar estes dois fatores: a consulta oficial e a lei que dispõe sobre essa consulta. Divulgamos os resultados seguindo a legislação, ainda mais que o



Ministério Público, provocado por um professor da nossa Universidade, já se manifestou nesse sentido. Portanto, os argumentos que se colocam não expõem a completude dos fatos. A nossa Comissão não se debruça sobre acordos que tenham sido feitos nem sobre a discussão no Consun. Só nos resta seguir a lei.

JU – E quanto à discussão do método de cálculo da média ponderada?

CLC – A lei não fala em ponderação, então a Comissão de Consulta passou ao largo desta questão. O cálculo é razoavelmente simples: toma-se o número de votantes em cada chapa, divide-se este número pelos que efetivamente votaram naquela categoria, e aí multiplicamos pelo fator que é 0,7, no caso dos docentes e 0,15 no caso dos discentes e dos técnicos-administrativos. Mas existe um outro aspecto que deve ser ressaltado, no qual poderia haver um buraco legal: a lei fala de 70% de peso do voto docente, mas não delibera sobre os 30% restantes. Talvez se pudesse argumentar

que o Consun poderia ter decidido sobre a distribuição desses 30%, mas existe um parecer da Procuradoria da UFRGS, de 2004, dizendo que há uma tradição na Universidade de isonomia nessa divisão. E esse parecer foi sustentado em 2008, seguindo a tradição dos 15% para discentes e 15% para técnicos.

JU – Qual o impacto do questionamento dos resultados sobre a instituição?

CLC – Tecnicamente o processo foi claro, isento e indiscutível. Foi um ganho histórico muito grande para a UFRGS, e lamento que a maturidade técnica demonstrada seja colocada em segundo plano por questões que, na minha opinião, estão com um viés pouco correto. Ou porque o todo da situação não é exposto, ou porque se usam argumentos que não são verdadeiros, e isso evidentemente causará um impacto na universidade. Estamos numa fábrica de pensamento e as polêmicas aqui assumem uma proporção bastante grande, como aliás é da natureza de uma universidade. Neste momento, não saberia dimensionar qual será a temporalidade dessas discussões e seus efeitos. Como presidente da Comissão de Consulta gostaria que voltássemos a meditar sobre o passo histórico que demos aqui, fazendo uma consulta eletrônica. Tenho certeza, daqui a 30 ou 40 anos quando as eleições serão feitas por sistemas que ainda sequer vislumbramos, as pessoas irão olhar para trás e se deliciar, tanto quanto nós agora nos deliciamos analisando os pleitos de 30 anos atrás, com aquelas atas escritas à mão. Isso sim terá uma permanência histórica e é por isso que penso que neste pleito ultrapassamos um ponto importante na tentativa de superação das falhas inerentes ao humano.

Más e boas notícias na gestão ambiental da UFRGS



Toneladas de rejeitos aguardam destinação no Centro de Gestão e Tratamento de Resíduos Químicos no Campus Vale

Conhecendo a UFRGS

Resumo do programa produzido pela equipe da UFRGS TV



UFRGS TV

Projeto Navegar A cidade se aproximando do Guaíba

Por Fernando Favaretto

O projeto Navegar, da Escola de Educação Física da UFRGS, se apresenta como uma iniciativa capaz de aproveitar a riqueza do lago Guaíba com finalidades sócio-educativas.

Atendendo a 200 alunos de cinco escolas públicas do bairro Humaitá, o projeto, financiado pelo Ministério do Esporte, proporciona o contato de estudantes de baixo poder aquisitivo com a prática da vela, do remo e da canoagem.

Além da instrução técnica, as atividades desenvolvidas no Parque Náutico do Grêmio Foot-Ball Portolegrense oferecem uma formação mais ampla, conforme destaca o professor Ricardo Petersen, coordenador do projeto: "Abordamos as técnicas desses três esportes náuticos, mas as crianças também recebem orientação sobre educação ambiental, convivência com o meio aquático e importância da preservação da água. Neste ano, adicionamos a prática do xadrez para os dias de vento e muito frio. O projeto trata ainda de cidadania e de responsabilidade, porque os esportes náuticos se prestam ao desenvolvimento dessas questões".



Funcionando desde 2004, o Navegar preocupa-se com a continuidade das práticas que desenvolve, uma vez que os estudantes participam por apenas um ano. Para oportunizar a realização de atividades esportivas em nível mais elevado, foram comprados dois barcos para remo, o que permite a qualificação de alguns aprendizados técnicos.

Numa avaliação do impacto do Navegar sobre a vida desses alunos, Petersen comenta: "A dissertação de mestrado de um professor nosso buscou informações sobre os meninos e meninas que participaram da primeira edição, em 2004, e descobriu que o projeto teve um resultado positivo".

Assista ao programa

Para saber mais sobre o Projeto Navegar, assista ao programa *Conhecendo a UFRGS*, produzido pela UFRGS TV, exibidos sempre nas terças e quintas-feiras, às 21h30min, através da UNITV, canal 15 da NET.

Preservação Enquanto somos referência em segurança radiológica, 11 toneladas de rejeitos químicos esperam por incineração

Jacira Cabral da Silveira

Lâmpadas queimadas, copinhos plásticos usados, restos de alimentos... Quem entende um pouco de preservação ambiental, sabe que todo lixo tem o seu lugar. Mas do saber à atitude existe uma distância que depende da consciência de cada um e da organização de um espaço que possibilite, tanto a coleta seletiva quanto a destinação apropriada de tudo aquilo que é descartado. Desde a sua criação, há um ano, a Coordenadoria de Gestão Ambiental da UFRGS vem trabalhando nesse sentido. No dia 9 de junho, formou a quarta turma de agentes ambientais, totalizando 160 multiplicadores da política ambiental da Universidade. "A maior dificuldade é enfrentar a descrença no fato de que a soma de pequenos gestos tem repercussão no meio ambiente," afirma Darci Campani, titular da Coordenadoria, ao comentar a repercussão do trabalho desenvolvido.

De acordo com o professor, a UFRGS inovou ao implantar a Gestão Ambiental. A iniciativa foi antecedida por ações como a criação do Grupo Interdisciplinar de Gestão Ambiental (Giga), em 1999, numa parceria com a Copesul, para promover um projeto de desenvolvimento sustentável para o estado. Atualmente, a Universidade mantém 17 pontos coletores de pilhas, com a colaboração do Banco Real; recolhe e dá destino ao óleo de fritura proveniente dos restaurantes universitários; recolhe e envia para reciclagem as lâmpadas fluorescentes; começa a construir composteiras destinadas ao lixo orgânico recolhido da varredura dos pátios de cada campus e tem coleta seletiva de lixo. "Só o Campus Vale recolhe por mês

20 toneladas de lixo reciclável," informa Campani. E esse lixo é encaminhado à Associação de Catadores de Passo Dornelles, em Viamão.

Mas uma instituição como a nossa tem outras preocupações ambientais. A excelência em pesquisa vem acompanhada de rigoroso cuidado com resíduos químicos, radiológicos e os provenientes da área da saúde. Por isso, esses setores recebem atenção especial na Coordenadoria, que iniciará, no segundo semestre deste ano, campanha de divulgação do tratamento desses resíduos. Campani comenta que, para cada uma das áreas, serão destinados técnicos concursados para atuar especificamente nesses centros que, em virtude do grau de periculosidade, estão ligados diretamente ao gabinete do reitor e integram o Programa de Gestão Ambiental da UFRGS. O Jornal da Universidade visitou esses centros e levantou suas condições atuais. Como resultado, boas e más surpresas.

Referência nacional – É o caso do Serviço de Proteção Radiológica (SPR), idealizado pelo atual supervisor José Tullio Moro e coordenado pela professora Maria Teresinha Xavier Silva. "Éramos os bombeiros e lixeiros radiológicos," descreve Tullio, recordando o serviço que o Laboratório de Radiação do Instituto de Física da UFRGS realizava desde 1993, para atender chamados de outras unidades que precisavam identificar e dar encaminhamento a supos-



Rigor no tratamento de fontes radioativas

tas fontes de radiação. Essa atividade evoluiu e hoje a Universidade tem o SPR, criado em 2000, que se tornou referência nacional por adequar-se às exigências da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN). Até mesmo a Defesa Civil do estado mantém em sua página o *link* do Serviço de Proteção Radiológica da UFRGS – www6.ufrgs.br/spr/.

Atualmente, o Serviço tem 48 laboratórios cadastrados e devidamente adaptados às normas de segurança do CNEN. "Somos a única instituição gaúcha em condições de manter o controle de todas as fontes dos laboratórios onde há trabalho com material radioativo," diz o supervisor, formado em Física. Resultado obtido também pelo alto nível de controle dos dados: "Temos um sistema de informações completo no qual constam laboratórios, coordenadores, trabalhadores e fontes, pois acreditamos que dá muito mais trabalho atender um acidente do que investir na prevenção para que ele não ocorra." O SPR presta serviço de medição, consultoria, registro de laboratório para fins de controle de proteção radiológica e transporte de rejeitos, tudo solicitado via e-mail, através do Portal do Servidor, ou pelo telefone (51) 3308-6461.

Onze toneladas – É o volume de rejeitos químicos produzidos na UFRGS e guardados em tambores, devidamente lacrados, mas em local que ainda não é o ideal: "Por falta de verba," justifica a diretora do Centro de Gestão e Tratamento de Resíduos Químicos, Maria do Carmo Peralba. Ela calcula que não deve ser alto o valor para a construção de paredes laterais e a ampliação do espaço de armazenagem dos resíduos químicos, conforme exige a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM), mas enfatiza que é preciso agilizar esse processo. Por enquanto, a professora comemora a verba que a Pró-reitoria de Pós-graduação destinou ao Centro para o transporte e incineração das 11 toneladas de resíduos, que deverá ser feita no Rio de Janeiro ou São Paulo, pois não existe empresa incineradora no estado.

Assim como o SPR, o Centro coordenado por Maria do Carmo tem uma história que antecede a criação da Coordenadoria de Gestão Ambiental. O trabalho de identificação e coleta de resíduos químicos começou na década de 80, mas limitava-se ao Instituto de Química. Atual-

mente, a coleta ocorre em toda a Universidade. Entretanto, aqui inicia outro problema que muitas vezes estoura no pesquisador. Segundo a professora, como não há verba da própria instituição para o transporte e tratamento dos rejeitos, os custos são repassados para aqueles que solicitam esse trabalho ao Centro. E como são principalmente os experimentos dos pesquisadores que geram grande quantidade de resíduos, cabe a eles arcar com tais despesas. Para Campani, essa questão será resolvida à medida que os pesquisadores incluam os custos do tratamento dos resíduos na solicitação de financiamento junto às instituições de apoio como Finep, Capes e CNPq. Na opinião do professor, é "injusto tirarmos da dotação orçamentária da UFRGS verbas para bancar pesquisas que têm recursos próprios".

Novidade na saúde – De acordo com Darci Campani, há dois anos a Universidade começou um gerenciamento mais abrangente dos resíduos de serviços de saúde. "Sempre coletamos esse material, mas de maneira amadora. Não havia a preocupação de saber se a coleta estava sendo realizada em todos os lugares produtores de rejeitos da saúde," revela. A situação mudou a partir da contratação, em 2007, da enfermeira Alba de La Rosa que, juntamente com a professora e coordenadora do projeto, Verônica Schimidt, elaboraram o Plano de Gestão de Resíduos de Serviços de Saúde (PGRSS) da UFRGS.

A primeira ação foi um levantamento que identificou 150 locais, entre laboratórios, ambulatórios e espaços, como o Hospital Veterinário, classificados como produtores e potenciais produtores de resíduos de serviços de saúde. Após o mapeamento, começaram os cursos de treinamento para os técnicos que atuam nesses locais para capacitá-los com base no Plano de Gestão do setor. Estão previstos ainda os serviços de coleta e armazenagem desses materiais junto a cada prefeitura dos *campi*. "Devido à quantidade e à frequência da coleta desses rejeitos, será necessária a implantação de diversos pontos de armazenagem em toda a UFRGS," justifica Darci Campani, chefe da Coordenadoria de Gestão Ambiental.

Interação Projeto movimentou os quatro campi, recebendo visitantes de todo o estado

Dia de visita à Universidade

Um clima pacato de fim de semana parecia envolver toda a Porto Alegre, em especial nas proximidades do Campus Central da UFRGS, onde o tráfego de veículos era reduzido e se avistavam casais em vagarosa corrida nas margens da Redenção. Mas essa sensação se perdia em meio ao intenso movimento da rua Sarmento Leite, tomada por dezenas de pessoas em caminhada pelas calçadas e pela comprida fila de carros estacionados que lotavam os espaços próximos ao meio fio.

À primeira vista alguém poderia pensar que a perturbação era gerada por aplicados estudantes universitários rumo às aulas. Uma observação mais atenta, porém, abalava tal suposição. Com um segundo olhar sobre os grupos que enchiam a rua se via que eram compostos por jovens ainda sem barba ou até mesmo acompanhados dos pais. Seu modo de caminhar chamava a atenção pelos passos lentos, precedidos de olhares em diversas direções e paradas constantes, num movimento próprio de quem se depara com um ambiente novo. Mesmo o tom das conversas, muito animadas, muito constantes, pontuadas por risadas, destoava do comportamento esperado entre estudantes que iam à aula no sábado pela manhã.

A explicação para esse clima distinto se encontrava na frase UFRGS Portas Abertas, escrita nas camisetas vestidas por dois rapazes parados no portão em frente ao prédio da Rádio. Ambos estavam envolvidos na recepção aos visitantes, que seguiam para as primeiras atividades do dia, esvaziando aos poucos a rua Sarmento Leite.

Vindos de todos os pontos do esta-

do, os participantes do evento podiam escolher entre variadas opções para iniciar suas visitas. Em frente ao prédio da Engenharia Mecânica, um veículo de corrida, modelo Baja, chamava a atenção com altos roncões do motor, reunindo a sua volta um entusiasmado grupo de visitantes. Projetado e construído por alunos da Universidade, o carro, que participa de competições universitárias em todo o Brasil, servia de chamariz para a exposição do Museu do Motor, localizada no primeiro piso da Escola. No mesmo prédio, a palestra “Implantação da indústria automobilística do Brasil” abria a programação acadêmica do dia.

Do outro lado da rua, aproximadamente cinquenta pessoas se reuniam em frente ao prédio da Arquitetura esperando para entrar no auditório, onde atividades desenvolvidas pelas áreas de Design e Expressão Gráfica e Arquitetura e Urbanismo se estenderiam por todo o dia. O mesmo ocorria na Rádio da Universidade, ocupada por visitantes que aguardavam para conhecer os estúdios e instalações do prédio histórico, que abrigava uma exposição com aparelhos antigos, como mesas de áudio e discos de vinil, e uma mostra de pôsteres narrando a cinquentenária história da emissora.

Ao final da manhã, toda a agitação presente nos corredores da Rádio acabou invadindo a programação. Alunos de Ensino Médio que percorriam a UFRGS fizeram uma participação especial no *Motivos de Campo*, assistindo de dentro do estúdio a transmissão do programa e conversando com o apresentador Marcos

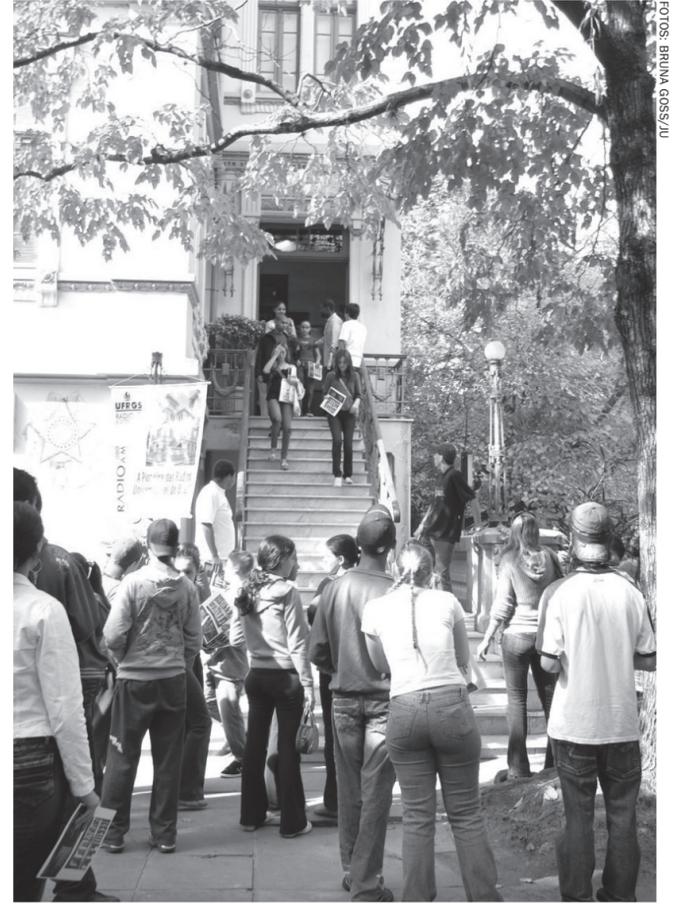
Pfeifer. A atração seguinte, *Conversa de jornalista*, também teve programação especial, sendo realizada com a participação dos visitantes e diretamente transmitida da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação.

Mirando o vestibular – Em sua quase totalidade, os participantes do UFRGS Portas Abertas 2008 eram alunos de Ensino Médio, das redes privada e pública de todo o Rio Grande do Sul. O público era realmente o alvo do evento, que neste ano, através da Coordenadoria de Educação Básica e Profissional, enviou convites para 1,3 mil escolas.

Para os estudantes, foi uma oportunidade de conhecer melhor a principal universidade gaúcha. Saindo dos estúdios da Rádio, um grupo de três alunos da escola Castelo Branco, de Lajeado, afirmou que o objetivo da visita era exatamente buscar mais informações e, assim, facilitar a escolha do curso para o vestibular. Mesma opinião de uma das três alunas de Rio Pardo que posava para fotos no exterior do prédio: “Viemos visitar a UFRGS para ajudar na decisão da profissão. Está sendo muito útil”.

Ao contrário de outros eventos abertos à comunidade realizados pela Universidade, o Portas Abertas não se limita a um único espaço. Durante o sábado, 17 de maio, a programação abrangeu os quatro campi e as 29 Unidades Acadêmicas da UFRGS, incluindo atividades no Ceclimar, em Tramandaí, e no Colégio de Aplicação, no Campus do Vale.

Diego Difini, estudante do 5º semestre de Jornalismo da Fabico



O Portas Abertas reuniu jovens de todas as idades em atividades oferecidas nos quatro campi e nas 29 Unidades Acadêmicas da UFRGS. No alto, grupo visita as instalações da Rádio. Acima, família participa do projeto de observação do céu desenvolvido no pátio do Planetário José Baptista Pereira, auxiliada por um monitor.

Salões de Graduação e de Educação a Distância ainda buscam firmar-se no circuito de atividades da UFRGS

Balanço

Apesar do crescimento de público, eventos tiveram baixa participação de alunos

Mesmo recebendo um público superior ao de edições anteriores, o 3º. Salão de Graduação e o 4º. Salão de Educação a Distância registraram baixa participação de alunos. Realizados em conjunto pelo terceiro ano consecutivo, entre os dias 27 e 29 de maio, os eventos tiveram suas atividades marcadas por espaços vazios na platéia. Prova disso é que no início da tarde do dia 28, o Salão de Festas da reitoria era ocupado por apenas 43 pessoas, que assistiam ao painel “Implementação de disciplinas a distância em cursos presenciais”, enquanto no Anexo I, onde aconteciam os Relatos de Experiências da Graduação feitos por alunos e ex-alunos, a sala mais lotada contava com seis pessoas. Isso levou, no últi-

mo dia, a transferência das atividades para a Sala Fahrion. O único momento em que se viu maior movimentação foi durante as visitas de pôsteres, que ocorriam sempre no final das manhãs.

Para Andréa Benites, vice pró-reitora de Graduação, atualmente em exercício da Pró-reitoria, o baixo público é normal para eventos recentes como o Salão de Graduação e o de Educação a Distância, que ainda estão buscando espaço em meio a atividades universitárias mais tradicionais, como as de extensão e iniciação científica. “O Salão de Graduação vai se fortalecer, se consolidar e construir a sua identidade a medida em que as pessoas participarem mais dele. Acho que ainda falta da parte dos alunos um pouco de participação e uma maior internalização da importância do encontro.”

O aumento do público tem, realmente, sido constante. Saltou de um total de 122 ouvintes inscritos em 2006 para 278 agora em 2008, o que representa um crescimento de 127%. O público total do evento atingiu a

marca de aproximadamente 500 pessoas. O número, no entanto, ainda está muito longe dos 3.397 participantes registrados no último Salão de Extensão ou dos 3.977, no Salão de Iniciação Científica, os dois maiores eventos do calendário acadêmico da Universidade.

Por esse motivo, Benites aponta como principal desafio para a próxima gestão a tarefa de atrair mais pessoas. O secretário de Educação a Distância, Júlio Nitzke, tem a mesma opinião e confirma que, em termos numéricos, a participação foi abaixo da esperada, embora muito satisfatória em qualidade.

Atividades – Os eventos giraram em torno do tema “Inovações na Graduação”, tendo como foco a convergência entre as tecnologias de educação a distância e o ensino presencial. Ganham destaque ferramentas como o Navi e o Moodle, ambientes virtuais usados por professores como um modo de disponibilizar material complementar aos aprendizados de sala de aula, e as experiências de im-

plementação de disciplinas a distância em cursos presenciais.

Especificamente na educação a distância, as discussões se concentraram na questão da qualidade, ressaltada por Júlio Nitzke em sua fala ao final da atividade. Segundo ele, nesta área a UFRGS busca atingir pessoas que não teriam acesso ao ensino superior de outra maneira, preservando o peso e a credibilidade de seu diploma. Para isso, as turmas têm acompanhamento constante e cuidadoso de professores, nunca sendo formadas por grupos imensos, de centenas ou milhares de pessoas, como acontece em outras instituições.

Uma mostra virtual acessível através de dez computadores instalados na Sala Fahrion, no segundo andar da reitoria, apresentava projetos de educação a distância por meio de vídeos desenvolvidos pelos coordenadores das atividades, expondo a produção da Universidade.

No que concerne à graduação presencial, o encontro foi dominado por grupos de reflexão e relatos de experiências na área. Os principais temas

discutidos foram os estágios e estágios de docência, a mobilidade acadêmica e a monitoria, além dos grupos do Programa de Educação Tutorial (PET). Quanto a essas atividades, Andréa Benites destacou as possibilidades de interação que permitiram aos alunos conhecer o trabalho de outros colegas e, assim, encontrar áreas de interesse comum.

A oportunidade de trocas também foi considerada um dos principais aspectos positivos do evento pelos estudantes integrantes do PET. Apesar disso, foram feitas ressalvas à organização do Salão, porque as atividades dos grupos ficaram muito distantes dos alunos da graduação. Os estudantes também criticaram a dificuldade existente no registro de atividades de ensino e extensão.

Já o grupo de reflexão sobre Monitoria Acadêmica, área que a Pró-reitoria pretende abordar melhor nos próximos eventos, enfatizou nas discussões a experiência docente possibilitada pela atividade, criticando a utilização dos monitores em trabalhos administrativos. (Diego Difini)

Especial

Administração Indicados pelo Conselho Universitário, professores falam de suas prioridades e projetos para a gestão 2008-2012

Em reunião ocorrida em 4 de julho, o Conselho Universitário elaborou as listas tríplexes para reitor e vice-reitor a serem encaminhadas ao Ministério de Educação. Dos 73 conselheiros presentes durante os debates, 51 permaneceram na sala no momento da votação, definindo os nomes dos professores Carlos Alexandre Netto (47 votos) e Wrana Panizzi (3) para ocuparem, respectivamente, o primeiro e o segundo lugar na lista para o cargo de reitor. Uma nova rodada de votos decidiu pelo professor Abílio Baeta Neves (19) para completar a relação. Por fim, a última apuração definiu a lista tríplex para vice-reitor: Rui Oppermann em primeiro lugar (39 votos), Diogo Onofre de Souza em segundo (6) e Dimitrios Samios em terceiro (2).

Até 24 de julho, as listas serão enviadas ao ministro da Educação, Fernando Haddad, que tem a incumbência de nomear o novo reitor da UFRGS.

Os professores Carlos Alexandre Netto e Rui Vicente Oppermann concederam entrevista ao JU apresentando suas propostas para a gestão que inicia em setembro.

Jornal da Universidade – Quais serão as prioridades da nova gestão?

Carlos Alexandre Netto – A prioridade acadêmica é a expansão da Universidade com qualidade em todas as atividades de ensino, pesquisa e extensão. A UFRGS é a melhor universidade federal do Brasil, tanto no ensino quanto na pesquisa. Optamos por uma expansão com inclusão, que não se restringe à política de ações afirmativas, compreendendo a criação de novos cursos e atividades de extensão, a implantação de cursos noturnos e o suporte ao desenvolvimento tecnológico. Tudo isso tendo como pano de fundo o papel da Universidade na democratização do acesso ao conhecimento. Para isso, vamos investir na contratação de pessoal e em infra-estrutura. Apoiaremos as unidades com a construção de prédios e reformas em espaços e áreas de uso acadêmico, laboratórios e bibliotecas. Também daremos impulso aos programas de bolsas.

Rui Vicente Oppermann – Nas áreas de gestão e infra-estrutura, nosso principal desafio é o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), que deverá ser uma construção coletiva. Planejamos promover debates a fim de estabelecer um plano não somente para quatro anos, mas para os próximos 10 ou 20 anos. Trata-se de um trabalho longo, se quisermos manter a natureza democrática do processo, pois envolve a mobilização da comunidade até que tenhamos um documento para ser debatido nas instâncias deliberativas. O PDI é importante porque definirá políticas e ações, fornecendo subsídios para as edificações, os planos de carreira e as políticas de relacionamento. Em relação à infra-estrutura, no Campus Vale te-



Prioridade acadêmica é expansão com qualidade

ENTREVISTA A ÂNIA CHALA E JACIRA CABRAL DA SILVEIRA

mos necessidades imediatas. A Universidade recebeu em junho a licença para a construção do Centro de Energia (Cenerg), que supera um passivo ambiental enorme. Serão construídos cerca de 10 prédios, congregando uma área em torno da questão energética, que será o embrião de um parque tecnológico integrado aos demais laboratórios já existentes.

JU – O plano diretor para o Campus Vale também será encaminhado nesse processo?

Rui – Há etapas importantes a cumprir para chegarmos até ele. Primeiro, tivemos que resolver o problema da questão ambiental. A Universidade desenvolve uma política ambiental que será mantida e ampliada.

Porém, há necessidade de equacionar problemas de energia, segurança e transporte, fundamentos básicos que nos darão condições de estabelecer um plano diretor. Mas o plano é importante também nos outros *campi*. Por exemplo, quem está no Campus Centro sabe que é quase impossível atravessar a rua Sarmento Leite às seis horas da tarde. O local apresenta risco aos estudantes que circulam por ali diariamente. Nesse sentido, conversei com o professor Christoph Bernasiuk, da Secretaria de Patrimônio Histórico, sobre a idéia de construirmos uma passarela. Acredito que as autoridades veriam essa solução com bons olhos.

JU – A gestão ambiental envolve pro-

blemas como o tratamento de resíduos químicos. De que forma sua administração irá trabalhar questões como essa?

Alexandre – A UFRGS é pioneira entre as universidades no estabelecimento de uma política de gestão ambiental. Durante esta administração, foi feito um trabalho muito importante sob a liderança do professor Darci Campani, que começou capacitando nossos colegas. Hoje temos aproximadamente 200 agentes ambientais com atuação em toda a Universidade. Mas precisamos avaliar as condições de estrutura para atender às demandas ambientais. O Serviço de Proteção Radiológica, por exemplo, é referência. Já o Setor de Resíduos Químicos requer investimentos e espaço. Devido a problemas de

licenciamento ambiental, a UFRGS ficou durante algum tempo impossibilitada de ampliar os espaços do Campus Vale. Com a autorização para a construção do Cenerg, acreditamos que as demais licenças, já solicitadas, comecem a ser concedidas. No que depender da interação da Universidade com os poderes públicos para que se consiga levar adiante boas práticas em gestão ambiental, tudo será feito. Sei que hoje o maior problema na questão dos resíduos químicos é a ampliação do espaço necessário para armazenamento e posterior transporte. Estamos propondo que a gestão ambiental seja dividida em três focos: água, aspecto humano e cobertura vegetal. A água, como recurso natural mais precioso que temos, receberá todo um planejamento não apenas de seu uso, mas também de sua disposição no Campus Vale. Finalmente, cuidaremos da cobertura vegetal que está diretamente relacionada aos licenciamentos para construção. Não basta ensinar os princípios da gestão, temos que ser pedagógicos no dia-a-dia, porque gestão ambiental é uma questão de cultura.

JU – A Universidade tem um orçamento maior que o de muitos municípios gaúchos, quais as prioridades para os investimentos?

Alexandre – O orçamento é de R\$ 350 milhões, descontado o pagamento dos pensionistas e os recursos da Capes. Com o Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), garantimos mais R\$ 242 milhões até 2012. Só para investimentos serão R\$ 36 milhões, que já têm destino certo: equipamentos e material permanente para as salas de aula e laboratórios e construção de prédios. Atrás das Faculdades de Direito e de Ciências Econômicas teremos um prédio novo somente para aulas. Os cursos de Direito e Economia serão expandidos, sendo que este último terá um curso noturno. No Instituto de Artes, será criado o curso noturno de História da Arte e da Cultura. A Escola de Administração duplicará o número de estudantes da noite, e a Faculdade de Arquitetura terá o prédio ampliado para abrigar o curso de Design. Também haverá investimentos em obras do Campus da Saúde. Existem ainda os recursos captados para desenvolvimento científico e tecnológico. Em 2007, foram R\$ 200 milhões canalizados para essas atividades. Parte do Centro de Energia será construído com verbas captadas da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) do Ministério da Ciência e Tecnologia. Os maiores investimentos serão na infra-estrutura física para as atividades acadêmicas, principalmente no Campus do Vale, que recebe 60% da nossa população. Diariamente, circulam por lá 5.500 carros, sendo que o consumo de energia supera o de muitas cidades. Está na hora de iniciar esta transformação. Digo isso porque é impossível fazer tudo em quatro anos. Começaremos oferecendo um plano diretor, a expansão dos espaços acadêmicos e dos serviços, além da construção de uma nova casa de estudantes para a qual já há recursos garantidos. Também queremos construir um prédio para que os alunos tenham espaço para estudar. Hoje, como mostrou a reportagem da edição de maio do Jornal da Universidade, fora das salas de aula, os ambientes do Campus são restritos e inadequados. Como resultado, os alunos ficam pelos corredores ou pelo pátio, quando o tempo permite.

Entrevista

Carlos Alexandre Netto e Rui Vicente Oppermann

FOTOS: FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO



JU – A adesão da UFRGS ao programa Reuni implica no cumprimento de várias metas. Que medidas sua administração pretende tomar nesse sentido?

Alexandre – O Reuni propõe dois índices que causam muita discussão. O primeiro é a relação aluno/professor de 18 para 1. Quem olhar os dados brutos, considerando que a Universidade tem aproximadamente 24 mil estudantes de graduação e 2.400 professores, chegará a um índice de 10 para 1. O senso comum diz que mais estudantes equivalem a um ensino ruim. Isso seria correto se esse fosse o cálculo, mas ele é ponderado pelo investimento que a instituição faz em graduação e pela qualidade da pós-graduação. Por isso, hoje, o índice da UFRGS já é superior a 18 para 1. Com a expansão proposta e a contratação de professores garantida pelo MEC não perderemos qualidade. O segundo índice é o da conclusão dos cursos. A nossa universidade vem investindo em medidas acadêmicas para reduzir a evasão, trabalhando diretamente nos currículos e na distribuição das disciplinas na grade de horários.

JU – A grade de horários, por sinal, é uma queixa recorrente dos alunos de graduação, que têm aulas em mais de um turno e em diferentes campi.

Alexandre – A UFRGS vem trabalhando nisso e um reflexo direto são as vagas para o ingresso extra-vestibular. Todo ano, abrimos essa oportunidade a partir das vagas criadas por evasão. Em 2004, foram cerca de 600 vagas nessa modalidade. Neste ano, são apenas 170. Isso significa que a evasão vem caindo, só com as medidas acadêmicas já implantadas. Quanto ao índice de aproveitamento que assumimos no Reuni, que é pouco inferior a 90%, não temos expectativa de atingi-lo plenamente em 2012. Nosso compromisso com o MEC é aumentar esse índice anualmente. Já fizemos um grande avanço para este ano e devemos continuar trilhando nesse rumo. Tem gente que diz: assim os professores terão que aprovar 80% de seus alunos. Isso, obviamente, é um absurdo e jamais faríamos um pacto desse tipo, porque nosso compromisso é com a qualidade. Entendemos que o sucesso do processo ensino-aprendizagem tem que ser buscado, tanto pelo docente quanto pelo estudante. Se há uma situação em que o insucesso é muito grande, não posso olhar só para o estudante, tenho que olhar para o docente e para o próprio processo.

JU – E quanto às resistências à adesão da Universidade ao Reuni? Houve

“Pretendemos ampliar em 30% o número de bolsas acadêmicas e de assistência estudantil”

inclusive um plebiscito promovido entre os estudantes que rejeitou o programa. Como vocês lidarão com essas resistências?

Alexandre – Divulgando na comunidade universitária o que é de fato o Reuni e qual a proposta enviada pela UFRGS, mostrando que a adesão de maneira alguma implica em perda da qualidade acadêmica. A Universidade cumpriu todas as metas para 2008: foram criadas 100 novas vagas no vestibular, estabeleceu-se o compromisso com as ações afirmativas e o Ministério repassou 60% dos recursos solicitados para obras de investimentos. Já estamos usando os recursos do Reuni. Além disso, para 2009, a Câmara de Graduação autorizou a criação de três novos cursos, há o processo de implantação de dois outros cursos e temos várias propostas de expansão de vagas em cursos já existentes. Tenho clareza de que, até setembro, teremos a garantia do cumprimento das metas de 2009.

Rui – Acredito que a discussão em torno do Reuni ocorreu porque o processo de escolha dos novos dirigentes da Universidade se deu às vésperas da campanha política para a renovação das prefeituras. O programa está se iniciando e ainda não tem indicadores de avaliação. Isso deu margem a críticas políticas. Também se disse que o Reuni foi implantado sem uma ampla discussão, o que não é verdade. Na Faculdade de Odontologia, o programa foi debatido por quase seis meses.

Alexandre – É importante acrescentar que a Faculdade fez uma proposta ousada ao Reuni, estabelecendo o curso de Odontologia noturno, o primeiro a ser criado em uma universidade federal brasileira.

JU – A Universidade tem carências de pessoal em áreas vitais como a da segurança, que foi terceirizada. Como resolver o problema?

Rui – Essa questão precisa ser abordada em dois planos. O primeiro deles, o político-institucional. Ao lon-

go da campanha, discutimos com o Grupo de Trabalho de Segurança da Assufrgs linhas de atuação política no cenário nacional para o retorno da carreira de segurança ao sistema federal. Não se trata de um compromisso de campanha, mas da preocupação de alguém que trabalha na UFRGS. A eliminação dos profissionais de segurança do plano de carreira precisa ser revista, e já existem projetos de senadores gaúchos sobre o assunto. A reitoria atuará no plano nacional através da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), já que o problema atinge todo o sistema federal de ensino. O segundo plano diz respeito aos serviços terceirizados, que representam um alto custo para as universidades. É fundamental que na estruturação dos contratos a comunidade seja ouvida e se busque atender às necessidades de segurança. Também é essencial organizar um sistema de controle interno da execução desses contratos. Porque não dá para esperar que um serviço centralizado seja capaz de fazê-lo. Trata-se, como disse o professor Alex em relação à gestão ambiental, de criar uma nova cultura na administração da Universidade. Pessoalmente, vejo as terceirizações com desconforto. Primeiro porque seus serviços são caros e, segundo, porque precarizam as relações de trabalho. Ter esses colegas dentro do quadro funcional seria muito melhor, pois poderíamos qualificar o desempenho de suas funções sem depender de interesses externos à Universidade.

JU – O que será prioritário em termos de assistência estudantil?

Rui – Existe um plano nacional de política estudantil, com recursos para ampliar a assistência, construindo restaurantes universitários, casas de estudantes e criando ambientes para estudo e convívio. Outra forma de qualificar a graduação é explorar oportunidades como a monitoria a distância e as atividades complementares nos campos de estágio. Por último, investiremos na ampliação da mobilidade estudantil, disponibilizando auxílios financeiros que a viabilizem em nível nacional e internacional.

Alexandre – Por conta do Reuni e da política de ações afirmativas, pretendemos ampliar em 30% o número de bolsas acadêmicas e de assistência estudantil. Serão aproximadamente 200 a 300 bolsas novas por ano. Instituiremos ainda uma modalidade de auxílio-transporte, pois outras instituições avaliaram que os ingressados pelas políticas de ações afirma-

tivas muitas vezes precisam desse tipo de auxílio.

JU – Falando em ações afirmativas, que mecanismos serão implantados para garantir que os estudantes cotistas consigam concluir sua formação acadêmica?

Alexandre – Muitos dos que ingressaram pela reserva de vagas precisam de algum apoio sócio-econômico. Além das bolsas, alguns poderão necessitar de apoio acadêmico. No caso dos indígenas, criou-se um programa de tutoria em que o estudante tem um professor-tutor durante o curso e um estudante-tutor que o acompanhará nas disciplinas, oferecendo tratamento individualizado.

JU – Como fica a avaliação de desempenho dos servidores técnicos-administrativos com relação à carreira, qualificação e capacitação?

Rui – As políticas para os servidores técnico-administrativos e a própria carreira serão contempladas no PDI. Está tramitando no Consun uma proposta de avaliação dos técnicos que, esperamos, seja definida antes do início de nosso mandato. Faremos todo o esforço para a sua implantação. Outro ponto importante é que o plano de carreira, principalmente de nível superior, oferece hoje a possibilidade de complementações ou aumentos salariais. Esse aspecto é fundamental para nós, porque promoverá a melhoria do serviço público com quadros mais qualificados. Nos cursos de especialização temos 10% das vagas ofertadas aos técnicos-administrativos, mas esperamos um aumento de demanda. Finalmente, estudamos a possibilidade de desenvolver gerências administrativas para as unidades acadêmicas, desonerando os diretores, normalmente docentes escolhidos pela qualificação acadêmico-científica e não por sua capacidade de gestão.

JU – O que está previsto para a área de tecnologia?

“A UFRGS já cumpriu todas as metas para 2008 e já está utilizando os recursos do Reuni”

Alexandre – A qualidade da pesquisa básica que fazemos demonstra um enorme potencial para o investimento em desenvolvimento tecnológico em parceria com os chamados setores industriais e empresas. Nunca o Brasil investiu tanto nessa área, e a Universidade precisa aproveitar essas oportunidades. Atualmente, temos cerca de 100 laboratórios atuando em áreas que fazem pesquisa básica com possibilidade de aplicação tecnológica. O que se discute é a necessidade de termos um parque tecnológico. Um espaço no qual poderemos colocar nossos laboratórios em interação muito próxima com as empresas para que as pesquisas se façam de forma aplicada, visando ao desenvolvimento de algum tipo de produto. A liberação da licença ambiental para a construção do Centro de Energia da UFRGS será o início desse espaço, no qual iremos interagir com o setor energético. Mas isso não significa que os laboratórios hoje espalhados na Universidade tenham que se transferir para o Centro. É importante entender que um parque tecnológico em uma universidade federal de elevada qualidade como a UFRGS não é um distrito industrial, nem um chão de fábrica. Nossa proposta é de uma interação madura na qual a Universidade colabora com aquilo que tem de melhor: o conhecimento e o quadro acadêmico. A empresa entra com seus interesses e necessidades e dessa interação construímos juntos nossos produtos. Não podemos misturar os espaços, o da universidade é o do desenvolvimento tecnológico. A produção quem faz é a empresa.

JU – As dificuldades de divulgar o Reuni passam pela necessidade de atuação dos canais de comunicação. Que política a nova gestão tem para esta área?

Alexandre – Para uma instituição universitária uma política de comunicação bem desenhada é fundamental, porque tratamos com o conhecimento. Através do Reuni está prevista a contratação de 450 servidores técnicos-administrativos, entre eles, jornalistas. Em relação à comunicação externa, pretendemos criar uma agência de notícias, responsável por gerar notícias para pautar a mídia e não apenas reagir às demandas. Essa necessidade é claramente percebida em relação aos nossos pesquisadores, que muitas vezes deixam de ser procurados, quando fazemos trabalhos de grande qualidade. Claro que essa não é uma estrutura trivial, mas com a colaboração dos professores da Fabico e dos jornalistas da UFRGS teremos condições de implantá-la.



Aquecimento global

De quem é a culpa?

Meio ambiente
Pesquisadores divergem sobre as reais causas do fenômeno que tem causado prejuízos ao redor do mundo

Há tempos os homens observam a natureza, tentando entender seus processos. Da primeira previsão meteorológica até hoje, são muitas as explicações. No entanto, os diferentes entendimentos acerca do aquecimento global têm interferido seriamente na vida dos seres humanos. As principais divergências giram em torno das causas do aquecimento. Para alguns cientistas elas seriam naturais, para outros, resultado da ação humana.

Ambientalistas acusam climatologistas, que dizem que o aquecimento global não foi provocado pelo homem, de terem a sua visão atrelada a interesses econômicos. Estes se defendem, sustentando que o aquecimento global é um meio para os ecologistas angariarem fundos e infiltrarem-se na vida política. Outros acusam o Protocolo de Kyoto de atrasar o desenvolvimento e empobrecer a população mundial, vendo o fenômeno como uma estratégia política para conter o crescimento econômico de nações emergentes. Na visão de Carlos Nobre, doutor em Meteorologia pelo *Massachusetts Institute of Technology*, “quem defende tais posições ou está buscando os seus 15 minutos de fama ou é muito desinformado. O aquecimento global já está afetando os países pobres, pois são mais vulneráveis às mudanças climáticas”. Para o estudioso, já passamos do ponto de poder reverter completamente o aquecimento, uma vez que os gases têm um tempo de residência na atmosfera que varia de décadas a séculos. No entanto, Nobre ressalta que é possível conter o aumento da temperatura através de mudanças radicais nos sistemas de produção e consumo em todo o mundo.

Apesar da divergência de opiniões, não há como negar que o clima está mudando. O Rio Grande do Sul é um exemplo. Segundo o doutor em Meteorologia e professor de Agrometeorologia da UFRGS, Moacir Antônio Berlatto, as estiagens fazem parte do histórico do estado, porém, “nos últimos 20 anos, ocorreram nada menos que 10 estiagens, que ocasionaram perdas de 37 milhões de toneladas de grãos”. Recentemente, cerca de 100 municípios decretaram situação de emergência. Berlatto também diz que “no Rio Grande do Sul, o estudo de séries históricas de observações meteorológicas de longo prazo tem mostrado um aumento significativo da temperatura mínima, do número de noites quentes, de chuvas intensas e a redução de geadas”. Contudo, o agrometeorologista ressalta que, em função de outros fenômenos que interferem no clima como o *La Niña*, não se pode afirmar com certeza se as estiagens estão relacionadas ao aquecimento global.

Paula Vieira, estudante do 3º semestre de Jornalismo da Fabico — Especial para o JU



A Lagoa do Peixe é um dos ecossistemas em que os efeitos da mudança climática se tornaram mais visíveis nos últimos anos

FOTOS: FLAVIO DUFRÁ/PROJETO CONTATO

Francisco Eliseu Aquino

“Entendimento do clima requer uma visão integrada”

O Jornal da Universidade entrevistou Francisco Eliseu Aquino, professor do Departamento de Geografia e doutorando em Climatologia e Mudanças Climáticas. Entre o final do ano passado e o início deste, ele esteve na península Antártica com o Núcleo de Pesquisas Antárticas e Climáticas da UFRGS (Nupac).

Jornal da Universidade – O que os dados obtidos nessa pesquisa do Nupac na Antártica revelam sobre as condições climáticas do planeta?

Francisco Eliseu Aquino – Estivemos acampados no Platô Detroit (Norte da península, a 2.000 metros de altitude) durante aproximadamente um mês. Lá coletamos um testemunho de gelo com 133 metros de profundidade, que possibilitará observar o comportamento do clima e sua variabilidade nos últimos 400 anos. Essa pesquisa contribuirá para o entendimento da variabilidade natural do clima do Hemisfério Sul e das conexões climáticas entre a península e a América do Sul. Além de auxiliar na compreensão dos ciclos naturais *El Niño* e *La Niña*, da Oscilação Antártica e da contribuição de gases de origem antropogênica, antes da revolução industrial.

JU – Na sua opinião, a ação do homem pode afetar o clima? O que o ser humano pode fazer para reverter o quadro climático?

FEA – Sim, as atividades humanas, ao gerarem emissões como as dos gases de efeito estufa, podem contribuir em alterações do clima



terrestre. Sim, há o que se possa fazer. Devemos entender o nosso papel nessas mudanças e refletir sobre nossos hábitos de consumo e produção, procurar energias e fontes alternativas, isso será capaz de contribuir a médio e longo prazo no clima terrestre.

JU – Como o senhor vê problemas como os longos períodos de estiagem pelos quais o Rio Grande do Sul vem passando?

FEA – Os fenômenos de estiagem ocorreram e sempre ocorrerão no RS. Atualmente, evidências climáticas apontam que, com a mudança na temperatura média do planeta, o estado está 0,5°C mais quente desde 1961, o que possibilitou mudanças climáticas. Observamos que, entre 1945-1974 e 1975-2006, o volume de precipitação aumentou 8%, inclusive nas porções norte e oeste do estado, justamente onde registramos

a estiagem. Este fato sugere que as chuvas extremas aumentaram, porém os solos não conseguem se reabastecer nestas ocasiões. Ou seja, chove muito, inunda, gera prejuízos econômicos e ambientais, os rios enchem rapidamente (aumenta a erosão no solo), mas não a tempo de recuperar o déficit hídrico na região.

JU – Por que existe tanta divergência de opiniões entre os estudiosos do clima?

FEA – As maiores divergências ocorrem pela falta de uma visão integrada do sistema natural e pelas dificuldades no entendimento do potencial das informações ambientais no passado. Isto impede uma melhor compreensão das escalas de tempo dos fenômenos e suas intensidades. Precisamos de um conhecimento integrado entre a atmosfera, criosfera, hidrosfera, biosfera e litosfera.

Saiba mais

Os relatórios a respeito das mudanças climáticas podem ser lidos nos seguintes sites:

IPCC – www.ipcc.ch/
Relatório do IPCC – http://ipcc-wg1.ucar.edu/wg1/docs/WG1AR4_SPM_Plenary_Approved.pdf
Cloud – http://cloud.web.cern.ch/cloud/documents_cloud/cloud_proposal.pdf
Revista Nature – www.nature.com/climate/2008/0807/full/453043a.html

Resumo de um debate polarizado

A primeira obra sobre meteorologia surgiu em 3000 a.C. com o chinês Nei Tsing Sou Wen. Em 1827, o matemático e físico francês Jean-Baptiste Fourier descobriu o efeito estufa. Setenta anos mais tarde, o químico sueco Svante Arrhenius questionou o que ocorreria com o clima do planeta, se as concentrações de gás carbônico aumentassem. Porém, nessa época a revolução industrial estava apenas começando, e a idéia de um aquecimento global provocado pelo homem soava absurda.

A partir da segunda metade do século XX, dois pólos se firmaram no debate sobre a questão: de um lado, a idéia de uma futura era glacial; de outro, o crescente aumento da temperatura terrestre.

Em 2007, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) lançou projeções alertando que a temperatura da Terra deve aumentar de 1,1 a 6,4 °C até 2100, caso o nível das emissões de gases poluentes persista. Em fevereiro deste ano, cientistas brasileiros entregaram ao Ministério da Ciência e Tecnologia um documento que questiona a influência da ação humana nas mudanças climáticas globais. Os dados integram o projeto *Cosmics Leaving Outdoor Droplets (Cloud)* do Centro Europeu de Pesquisas Nucleares, que relaciona as alterações às emissões de raios solares. Em maio, a revista *Nature* publicou pesquisa do Instituto de Ciências Marinhas Leibniz que afirma que a temperatura da Terra deve manter-se estável na próxima década, uma vez que ciclos climáticos mais frios estão se aproximando.



Procuram-se engenheiros

Desenvolvimento
Frente ao atual ciclo de crescimento econômico, uma carência ficou evidente: o Brasil forma poucos engenheiros

Cerca de 5,4%. Este foi o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro em 2007. O índice, o segundo maior de uma série crescente iniciada em 1995, perde somente para 2004. Conforme Hélio Henkin, professor da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, nosso país entrou no ritmo da economia internacional. “Existe um movimento cíclico de expansão e retração. Estamos vivendo uma expansão mundial e o Brasil pegou carona nessa onda”, afirma.

Nesse contexto, a indústria não poderia ficar de fora. A comparação entre os anos de 2006 e 2007 nos dá uma idéia do aquecimento: a taxa de crescimento industrial passou de 2,8 em 2006 para 6% no ano passado. O número de trabalhadores ocupados no setor também aumentou cerca de 2,2%, segundo dados do IBGE.

Para dar suporte a esta aceleração, precisamos de profissionais capacitados. Mas é justamente isso que está faltando. Para Fernando Schnaid, coordenador do Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil da UFRGS, o Brasil é carente em infraestrutura. “A demanda por engenheiros é crescente e justificada. Precisamos de mão-de-obra qualificada e liderança para produzir uma base para o país crescer”.

Atualmente, o Brasil conta com 5,6 milhões de empresas, conforme dados da pesquisa “Mercado de Trabalho para o Engenheiro e Tecnólogo no Brasil”, realizada pelo Sistema Indústria e pelo Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (Confea). O estudo divulga ainda que existem pouco mais de 128,8 mil engenheiros exercendo a profissão. O ramo da construção é o que mais emprega, com cerca de 19 mil engenheiros trabalhando no setor. Depois, aparecem os serviços prestados às empresas (consultoria, terceirização e projetos), com 16,5 mil; e a área de administração pública, defesa e seguridade social, com 13,6 mil engenheiros contratados.

São as empresas de grande porte (mais de 500 funcionários) que empregam a maioria dos engenheiros: o percentual é de 51,8%, em números absolutos. Na contagem relativa, considerando o número de engenheiros versus o número total de colabora-



Formação qualificada é garantida pelo trabalho conjunto de professores e estudantes

FOTO: CADINHO ANDRADE/JU

CADINHO ANDRADE/JU

dores, são as de médio porte (entre 50 e 500 funcionários) que saem ganhando. De acordo com Carlos Eduardo Pereira, coordenador do Grupo de Controle, Automação e Robótica do Departamento de Engenharia Elétrica, “a idéia do engenheiro empreendedor é uma figura que cada vez mais começa a ter lugar”, o que faz com que a quantidade de profissionais trabalhando em pequenas empresas seja crescente.

Ainda assim, os números não são muito animadores. O Brasil tem cerca de seis engenheiros para cada mil habitantes, enquanto países como Estados Unidos e Japão atingem a marca de 26.

Ensinar a aprender – Segundo Schnaid, os motivos para a pouca quantidade de engenheiros formados no país são vários, mas começam por um fator histórico. A ditadura militar deixou um trauma em relação aos tecnocratas, que eram, em grande parte, engenheiros. A partir de então, teria sido criada a imagem de que os profissionais da área têm uma visão política conservadora, não fazem parte da elite criativa e desrespeitam o meio-ambiente. Hoje, essas idéias já não fazem jus à realidade. “Temos que mudar a concepção do engenheiro destrutivo, e não criativo. Todas as soluções tecnológicas vêm pela Engenharia. E se alguém vai dar conta de garantir nosso estilo de vida aliado à preservação ambiental, com certeza passará pelas engenharias”, ressalta o professor.

Outro fator relevante foi a crise pela qual passamos. Conforme Hélio Henkin, nos períodos de desaceleração da economia não houve estímulo aos engenheiros: “O salário era baixo e os profissionais migravam para outras áreas”. O professor entende este movimento como natural, e a expectativa atual é que a aceleração continue. “O crescimento econômico é uma tendência, e em torno dela pode haver oscilações. É difícil prever, mas o país tem potencial de crescimento do PIB e da produção industrial”, salienta.

Junto ao desânimo causado por realidades anteriores, está o sucateamento da educação básica. Para Gilberto Cunha, coordenador da Comissão de Graduação da Engenharia Mecânica e consultor do MEC, o principal problema é a falta de bons professores no ensino de Matemática e Física. “O aluno vem mal preparado. Naturalmente, não estará predisposto a aprender as ciências exatas. Muitos jovens acabam não optando sequer por um processo seletivo na área. E os que optam, por vezes não passam dos primeiros anos”, afirma.

A desistência é um sério empecilho para quem deseja ampliar o *quorum* de engenheiros formados no Brasil. Anualmente, ingressam cerca de 765 alunos nos cursos de engenharia na UFRGS. Apenas 438 se formaram em 2007. De acordo com Carlos Eduardo Pereira, grande parte da evasão ocorre no início. “Se o aluno passou do 5º semestre, ele fica. Nos dois primeiros anos ocorre a fundamen-

tação teórica, e não são matérias fáceis”, reconhece.

A falta de preparo dos calouros prejudica também o aperfeiçoamento dos currículos. “Sempre há mais conteúdo para incluir, mas o tempo é finito. Temos cinco anos para formar um profissional que entra cada vez menos preparado na universidade”, ressalta o professor. Para ele, a atenção aos quatro primeiros semestres é essencial, pois é quando se apresentam conceitos e raciocínios que serão importantes no futuro profissional. “O desafio é ensinar o aluno a aprender. Ele precisa saber buscar conhecimento para se reciclar frequentemente”. E acrescenta: “O curso é difícil, mas os que sobrevivem geralmente já saem empregados”.

Recrutados na faculdade – Foi com esta idéia que Venâncio Batalhone largou a área das ciências humanas e prestou vestibular para Engenharia Mecânica. Ele começou sua vida acadêmica na Publicidade e Propaganda. Insatisfeito, passou para História, mas logo percebeu que não era o que queria. “Não tinha uma idéia clara de qual profissão seguir. Então, escolhi algo que me garantiria um bom emprego para depois fazer o que eu realmente gostasse. No final, acabei me apaixonando pela Engenharia”.

Na metade do ano, Venâncio vai para a França, onde fará um intercâmbio acadêmico e prático durante dois anos na *École Centrale* de Lyon. Casos como este não são raros. A maioria dos programas aprovados pela Se-

cretaria de Relações Internacionais (Relinter) da UFRGS contempla os cursos de engenharia.

Além disso, o número de empresas que buscam profissionais ainda em formação está aumentando. A pesquisa “Mercado de Trabalho para o Engenheiro e Tecnólogo no Brasil” revelou que 21% têm programas para atração de engenheiros recém-formados ou em final de curso e 64% contratam estagiários e *trainees*.

Na UFRGS, existem duas modalidades de estágios: os curriculares e os opcionais. Em ambos, a empresa precisa ser previamente aprovada pela escola ou pelos agentes integradores (CIEE, Estagiar etc). Para um bom aproveitamento, os estágios obrigatórios são supervisionados por um professor tutor. “Orientamos os alunos a estagiarem somente a partir do 5º semestre. Antes disso, eles ainda não viram quase nada de Engenharia e servirão como mão-de-obra barata”, explica Flávio Lorini, coordenador de estágios do curso de Engenharia Mecânica.

Mateus Araújo da Cunha cursa o 7º semestre de Engenharia de Materiais, e acredita que os estágios são uma boa porta de entrada para o mercado. “Grande parte é absorvida. Quem não é efetivado acaba entrando para a carreira acadêmica”. O colega Venâncio complementa: “Sair da universidade empregado é quase uma certeza. A dúvida é se será um bom emprego”.

Débora Gastal, estudante do 7º semestre de Jornalismo da Fabico

Formação acadêmica Os prós e contras da segmentação dos cursos

O otimismo pregado pelos professores das engenharias não convence totalmente quem ainda não entrou na universidade. Bruna Dias, 18, vai prestar vestibular para Engenharia da Computação em 2009. Apesar do progresso tecnológico, ela se mostra pouco animada frente ao futuro mercado de trabalho. “Não sei se sairia empregada. Hoje, não se pode esperar mais nada”. Sua escolha se baseou mesmo nas afinidades.

“Escolhi uma carreira que tem a ver com o meu estilo pessoal”, conta.

Para Bruna a segmentação dos cursos de Engenharia ajudou ao invés de confundir. O que também aconteceu com Mateus de Sousa, 17, que prestará vestibular para Engenharia Ambiental: “É legal poder escolher bem o que realmente se quer”.

Mas essa opinião não é unânime. Conforme Carlos Eduardo Pereira, coordenador do Grupo de Controle,

Automação e Robótica do Departamento de Engenharia Elétrica, a diversidade de cursos é positiva para ampliar vagas, mas pode ser um problema na hora da escolha da profissão. “É uma decisão muito específica. Às vezes, o fato de um adolescente saber que quer algo na área das engenharias já é uma grande coisa”.

A UFRGS tem atualmente 13 cursos de engenharia. No último vestibular foi implantada a gradua-

ção em Engenharia de Controle e Automação, e até 2011 pretende-se criar os cursos de Engenharia Biomédica e de Recursos Hídricos. Para Fernando Schnaid, coordenador do Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil, a segmentação é inevitável, mas precisa ser bem compreendida. “O aluno deve escolher entre ter uma visão holística, com as engenharias tradicionais, ou ter uma formação extremamente focada”,

explica o coordenador, frisando que ambas as possibilidades têm seu lugar garantido.

Ainda assim, Carlos Eduardo adverte: manter a qualidade é importante. “Não se pode confundir a formação de engenheiros com a de tecnólogos”. O imediatismo por formar profissionais de acordo com as necessidades momentâneas do mercado pode ser um acerto atual, mas um erro futuro.



Cineclubismo mostra sua força

Cinefilia Tecnologias impulsionam o movimento que completa 80 anos renovado pelas novas gerações

Fatimarlei Lunardelli*

A máxima “o cinema como uma janela para o mundo” foi uma das questões em torno das quais se desenvolveu a teoria do cinema. Era no que acreditava e postulava o crítico André Bazin para explicar o fascínio da imagem que em tudo reproduz o mundo visível. O prazer desse reconhecimento é parte essencial da cinefilia, esse exercício que consiste em ver e querer compreender os filmes por meio do debate. É o espírito do cineclubismo, como foi animado ao surgir na França, em meio à vanguarda do início do século XX. No Brasil, está completando 80 anos, a partir do marco histórico que foi a fundação do Chaplin Club, no Rio de Janeiro, em 1928. Porém, houve um tempo em que parecia ter acabado. Foi na década de 80, mas as novas tecnologias renovaram essa paixão de ver e debater filmes. Assim como o Clube de Cinema de Porto Alegre, que neste 2008 completa 60 anos de uma atividade ininterrupta, o cineclubismo mostra sua força e diversidade em experiências variadas de cinefilia.

A facilidade do DVD, tanto no manuseio do suporte quanto na disponibilidade de títulos, provocou uma verdadeira explosão de cineclubes a partir do final dos anos 90. Hoje, existem mais de 300 em atividade, sendo 137 cadastrados junto ao Conselho Nacional de Cineclubes Brasileiros. A entidade já existia, mas ganhou fôlego diante da nova realidade tecnológica. Em uma movimentada assembleia, em 2006, na cidade de Santa Maria, os propósitos do cineclubismo foram renovados com a reativação da entidade representativa do movimento.

Filosofando no cinema – Esse diálogo entre passado e presente pode ser verificado na experiência bem-sucedida do Cineclube da Filosofia, um projeto de extensão coordenado pelo professor José Pertille do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas aqui da UFRGS. Ao longo de 2007, sessões de debates de filmes a partir de uma abordagem filosófica foram realizadas mensalmente na Livraria Cultura, com participação dos alunos da Universidade e abertas ao público em geral. Esses encontros poderiam ter qualquer nome, mas a opção pela designação “cineclubes” está relacionada à figura de Gerd Borheim, que ainda hoje marca o imaginário do campo filosófico porto-alegrense.

No auge do cineclubismo na cidade, nos debates públicos acalorados dos anos 60, esse professor de filosofia era assíduo frequentador do Clube de Cinema de Porto Alegre, uma atitude que ainda inspira as novas gerações. Pertille lembra a lição de Borheim: “Assistir um filme, pensar e refletir, tanto pessoalmente quanto coletivamente, envolve um mergulho nas próprias origens do discurso filosófico”. Foi a partir desse capital simbólico que, em 1999, o professor Paulo Faria sugeriu a ideia de se criar o Cineclube da Filosofia, afinal, muitos docentes usavam o cinema como uma referência em sala de aula. As sessões, no início restritas aos frequentadores do Campus do Vale, ganharam o espaço aberto da Livraria Cultura e deverão ser retomadas no segundo semestre.

*Jornalista, coordenadora do Núcleo de Comunicação e Cinema da Fabico



A Internet e as novas formas de cineclubismo

A renovação do movimento cineclubista que aconteceu junto com a chamada “retomada do cinema brasileiro”, na metade dos anos 90, levou até mesmo a Ancine, agência da área do audiovisual no Brasil, a regulamentar a atividade. Isso ocorreu no ano passado, considerando o papel que os cineclubes podem desempenhar na divulgação da produção brasileira. Trata-se de um fato, e a Internet tem sido a grande aliada na circulação das produções independentes. O Cine8 (www.cinema.com.br/cine8) é um caso exemplar. Dele fazem parte uma geração de realizadores gaúchos, que começou a produzir na metade da década de 90, em 16mm, depois super-8 e, atualmente, utiliza as mídias digitais.

A cineasta Bia Werther lembra que a ideia de constituir uma rede surgiu

da necessidade de divulgar essa produção. “Só que a gente não sabia que isso era uma ação cineclubista”, lembra a animadora cultural sobre essa outra face do cineclubismo, que descobriu ao aproximar-se do movimento nacional. Dessa integração e intercâmbio de filmes independentes surgiu o Flô, festival que neste ano vai ter edição em Barcelona.

Nesse novo cenário em que já não se fala em cinema, mas em audiovisual, a internet propaga uma forma totalmente nova de cineclubismo, o virtual. O Cine8, por exemplo, disponibiliza produções de diversos realizadores pela rede mundial de computadores. Mas esse não é um ponto unânime, pois há quem discuta se cineclubismo é “exibição” ou “produção”. Indiferente a essas classificações, o grupo segue reafirmando o aspecto coletivo da atividade, produzindo e fazendo circular a produção audiovisual,

usando as ferramentas da rede.

A essência, no entanto, se mantém naquilo que a inquieta Bia chama de “cineclubar”, que consiste em reunir um grupo de pessoas, em sua casa mesmo, para ver um filme baixado da Internet. Na falta de um espaço melhor, acontece até de projetar na parede do prédio do vizinho e assistir pela janela. Também o Clube de Cinema de Porto Alegre usa DVDs, que exhibe na tela grande do cinema para assistência coletiva.

Com as novas ferramentas tecnológicas, seja na forma tradicional ou de um jeito novo e criativo, o cineclubismo se mantém. Juntar pessoas para ver filmes e discutir foi o que fizeram pioneiros como Paulo Emílio Salles Gomes ou, aqui em Porto Alegre, P.F. Gastal. Em comum, sempre o prazer de ver e debater cinema.

JU indica



Um livro que interessará, tanto aos que amam música quanto os que não a percebem como algo fundamental. Oliver Sacks, neurologista e escritor inglês hábil na arte de narrar as histórias de vida de seus pacientes, nos desafia a compreender por que a música é uma das experiências humanas mais inesquecíveis. Buscando desvendar o que se passa no cérebro humano ao fazer ou ouvir música, Sacks apresenta casos surpreendentes de pessoas com problemas neurológicos ou perceptivos ligados à música. Um deles é o do médico que experimenta, depois de atingido por um raio, uma irresistível compulsão por música de piano, a ponto de se tornar ele mesmo um pianista. Outra história intrigante é a do músico portador de um tipo de

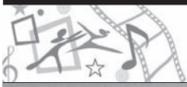
amnésia severa que lhe permite reter a memória de apenas poucos segundos, mas que mantém intactas todas as suas habilidades musicais. Tendo sido ele próprio vítima de alucinações musicais, o autor conclui que a música pode funcionar como importante instrumento terapêutico para patologias neurológicas, como a doença de Parkinson: “cantamos uma melodia, acompanhamos o ritmo com o pé, vasculhamos nossa mente procurando a letra de uma velha canção e não damos a menor importância a tudo isso. Mas para quem está perdido na demência, a situação é diferente. A música não é um luxo para essas pessoas, é uma necessidade, e pode ter um poder superior a qualquer outra coisa para devolvê-las a si mesmas, e aos outros, pelo menos por algum tempo”. (Ánia Chala)



Um sucesso acadêmico antes de publicado, o livro é uma versão da tese de mestrado de Helen Osório, professora do Departamento de História do IFCH. Nele, a autora faz uma reconstrução das estruturas produtivas coloniais do Rio Grande do Sul sobre a ótica das interações entre a coroa, os pecuaristas, os comerciantes, os peões etc. Ideias como o suposto igualitarismo entre senhores e escravos nos campos de batalha são questionadas. Também fica evidente a influência das relações fronteiriças na agropecuária da Bacia do Prata (Argentina, Uruguai e Brasil). A autora consultou vasta bibliografia, inventários e mapas de exportação. A obra foi lançada no ano passado e faz parte da Coleção Acadêmica II, Série Humanas. (Paula Vieira)



Uma análise da influência do capitalismo global sobre as organizações de mídia e o jornalismo em si, com ênfase nos veículos impressos. A tendência da criação de grandes conglomerados internacionais e a fragilidade da constituição brasileira na tarefa de manter a mídia nas mãos de empresas nacionais são alguns dos pontos expostos como sintomas da globalização. A autora, docente da Fabico, estuda o surgimento e a consolidação das “indústrias culturais” no Brasil, em especial no Rio Grande do Sul. Também demarca as mudanças ocorridas nas últimas décadas, como a presença cada vez mais freqüente dos veículos multimídia. A obra tem origem na tese de doutorado de Virgínia, que recebeu o prêmio Capes de tese na área de Ciências Sociais Aplicadas I, em 2006. (Débora Gastal)



Arquitetura Prédio que abriga a Fundação Iberê Camargo coloca Porto Alegre em contato com novas tendências européias



Os professores da UFRGS Mônica Zielinsky e José Luiz Canal, durante coletiva de imprensa

A arte que está lá fora



Por trás das sobranceiras cerradas, Iberê observava e assinava seus trabalhos um a um, guardando-os em seu arquivo. Assistindo à cena, o artista plástico Eduardo Haesbaert, que trabalhou como técnico nas gravuras do mestre, teve mais uma vez certeza de que Iberê Camargo sabia exatamente a importância que seu nome representava para a arte: “Ele se preocupava não apenas com a coerência de sua obra, mas também com sua organização e catalogação, parecia mesmo sonhar com um espaço que as abrigasse e as tornasse acessíveis ao público”.

Dezesseis anos se passaram, e o sonhado espaço de Iberê se impõe numa das curvas da avenida Padre Cacique: um bloco de concreto armado de três andares encaixado entre o Guaíba e uma encosta de mata nativa. No último andar ficam galerias exclusivas do artista; nos outros dois, mostras rotativas de variados autores; e no subterrâneo, garagens e salas para administração e outras atividades da Fundação Iberê Camargo. Inaugurado em 30 de maio, os portões já haviam sido abertos para mais três mil visitantes de todo o país. Além de incautos jornalistas, compõem esse número principalmente estudantes de engenharia e arquitetura. Tudo isso porque a obra do arquiteto português Álvaro Siza liga Porto Alegre à vanguarda da arquitetura européia.

“É importante ressaltar o caráter de obra-escola da construção”, aponta José Luiz Canal, professor da Faculdade de Arquitetura da UFRGS e engenheiro coordenador da execução do projeto. Ele avalia que em todos os estágios da construção a equipe esforçou-se em manter o caráter pedagógico da empreitada. Esse contato entre arquiteto, engenheiro, estudantes e comunidade foi responsável também por aguçar o diálogo entre projetores e executores da obra: “terminamos todos amigos, o que é muito difícil na construção de algo como

um museu, isso já prova o êxito desse espaço”, ressalta o engenheiro.

Laureado com o Leão de Ouro da Bienal de Arquitetura de Viena em 2003, o projeto traz características de outros trabalhos de Siza, tais como o Museu Serralves, na cidade do Porto, ou o Centro Galego de Arte Contemporânea, em Santiago de Compostela. O arquiteto português não abre mão de alguns materiais como mármore importados da Grécia e o concreto branco, ainda que nunca tenha encarado a empreitada de usar este em toda a parte externa de uma construção, como fez aqui. “É um branco ligeiramente acinzentado, com nuances que o tempo e o clima vão se encarregar de aumentar”, explica Siza, a quem parece encantar a ideia de que o próprio espaço deixe marcas em sua obra. A única ressalva é quanto aos grafiteiros: “gostaria que não aparecessem grafites, uma linguagem muito pouco original”, diz o arquiteto, sem parecer dar-se conta de que a afirmação pode ser encarada como provocação.

O concreto de aspecto acetinado usado na obra dispensa pintura e outros tipos de acabamento, reduzindo custos de conservação. Redução de custos permanentes foi preocupação constante da Fundação Iberê Camargo na construção da nova sede. Presidida pela viúva Maria Coussirat Camargo e pelo megaempresário Jorge Gerdau Johannpeter, a fundação tem uma história de 14 anos divulgando a obra de Iberê e promovendo as artes plásticas no estado, e conta apenas com o apoio de patrocinadores para cobrir seus custos. Por isso, os gastos fixos precisam ser baixos, caso contrário, a falta de uma ou outra empresa apoiadora inviabilizaria sua manutenção.

Funcionalidade e leveza – Com *know-how* na construção de museus, Álvaro Siza trouxe algumas

soluções nesse sentido. A primeira foi não cair na obviedade de aproveitar a bela paisagem para desenhar longas sacadas e grandes janelas. O museu tem poucas aberturas, diminuindo custos de seguro e de manutenção das obras simplesmente por afastá-las da luz solar, elemento altamente perigoso para sua deterioração. Além disso, instalações hidráulicas e elétricas diferenciadas economizam em torno de 30 a 40 por cento de energia em relação a um prédio convencional.

“São poucas as aberturas, estão em corredores sem obras, de maneira que o prédio parece emoldurar a vista”, avalia Flávio Gil, formando em Relações Públicas na UFRGS que prepara sua monografia a respeito da relação da mídia com o museu. Para ele, distanciar as obras da vista do Guaíba e da cidade foi uma solução acertada por proporcionar momentos diferentes de contemplação da arte e da natureza. Aficionado por museus e com a experiência de quem trabalhou na comunicação do Margs durante quase dez anos, Gil lembra que em alguns projetos, como o Museu de Arte Contemporânea (MAC) de Niterói, a valorização da visão externa de belas paisagens acaba retirando a atenção do público das obras expostas: “não há artista que consiga competir com Deus”, resume em tom de brincadeira.

Estudante de arquitetura na Uniritter, Natasha Vontobel recebeu nossa reportagem quando o espaço na avenida Padre Cacique era apenas um canteiro de obras onde estagiava. Ela conheceu algumas obras de Álvaro Siza, as quais gosta de comparar com esta que ajudou a edificar: “ele é um minimalista, seus prédios europeus se parecem com caixas, blocos, mas nesse terreno optou pelo uso de mais curvas. Com o Guaíba à frente e a mata atrás ele parece ter buscado maior leveza”, conclui Natasha.

Foi em busca da leveza que Siza criou os corredores externos que ornamentam a fachada do museu, o primeiro ponto que chama a atenção dos transeuntes. A fusão de linhas retas e curvas é usada claramente com fins estéticos, mas só está lá pela necessidade da criação dos corredores. Nada parece ser descartado por ele, tudo precisa ser encaixado de forma a somar funcionalidade e estética. Ainda que poucas vezes tenha visitado o canteiro de obras, o controle do arquiteto foi total. “A gente ligava até se tinha dúvida de onde colocar uma tomada”, exemplifica Natasha.

“Ele é o oposto de arquitetos como Oscar Niemeyer, cujas obras são também espetáculo. A preocupação de Siza é com a escala, com a funcionalidade”, afirma Flávio Gil. Sem tantos recursos visuais atrativos, a fachada do museu enfrentou certa rejeição por parte da comunidade, problema que Gil pensa que se converterá em vantagem com o tempo: “dessa forma, ninguém vai enjoar, a arquitetura também sofre em ser muito carregada, pois é uma convivência muito constante com a população”.

Siza se disse intrigado quando conheceu o espaço ao qual se destinava o prédio. “Era um buraco”, resumiu ele, apesar de garantir que se sentiu muito estimulado em todas as fases do trabalho. Se o terreno não era dos mais amigáveis, a criação, por outro lado, foi facilitada pela empatia criada com a equipe da Fundação Iberê Camargo. O arquiteto explica que a construção de museus é “sempre uma questão polêmica”. Contrariando aqueles que pregam que a arquitetura deva ser quase imperceptível, ele defende a interação entre espaço e obras de arte, convicção apoiada pelos membros da fundação.

Alexandre Lucchese, estudante do 7º semestre de Jornalismo da Fabico – Especial para o JU

Construção fortalece meio cultural

Professora do Instituto de Artes da UFRGS e integrante do Conselho de Curadorias da fundação, Mônica Zielinsky também discorda da ideia de neutralidade do espaço físico do museu, considerando acertada a busca por uma harmonização deste com as produções artísticas que vai abrigar. Além disso, Mônica encara a disposição do prédio em andares visíveis entre si como um dos grandes triunfos de seu novo ambiente de trabalho: “esta arquitetura permite integrar as obras como um todo para o visitante, pelo vislumbre dos andares”, explica.

Mais do que servir de abrigo para a Fundação Iberê Camargo e as mais de sete mil obras deste artista, a construção busca fortalecer o meio cultural em Porto Alegre, trazendo obras de arte de outros estados e países. Esse fortalecimento teve início antes mesmo do museu abrir suas portas para a comunidade, com Álvaro Siza. Durante a coletiva de imprensa, ele afirmou sentir-se agraciado por ter tido contato com a obra de Iberê, até então desconhecida por ele e que agora, em suas palavras, tornou-se um “impulso fortíssimo” para seu próprio trabalho. Por outro lado, o museu inaugura o uso de certos materiais e formas arquitetônicas na cidade, reforçando o diálogo com a arquitetura de outros lugares do mundo ao mesmo tempo em que consegue fazer a cidade voltar seus olhos para o Guaíba. Olhos que, de agora em diante, também estarão direcionados para o legado de um dos artistas locais mais reconhecidos mundialmente, que ainda não havia encontrado o espaço que merecia em sua própria terra.

► **Redação** Diego Difini | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para parajornal@ufrgs.br

DESTAQUE



Música popular e erudita no Unimúsica

Apresentação de Benjamin Taubkin e Núcleo de Música do Açaí viaja por ritmos tradicionais de diferentes regiões brasileiras

Em 2008, com a série *Contrapontos*, o Unimúsica retoma a sua própria história. O trabalho segue duas vertentes, trazendo, por um lado, artistas que participaram de versões anteriores e agora retornam para apresentar seus trabalhos atuais, e por outro, reabrindo espaço para a produção musical feita por alunos da Universidade, prática original do projeto na década de 80.

No mês de agosto,

a atração será o instrumentista, arranjador, compositor e produtor paulista Benjamin Taubkin e o Núcleo de Música do Açaí.

Taubkin, que já participou do Unimúsica duas vezes, em 2004 e 2005, atua em diversas formações, que vão do solo à orquestra, tendo sempre como foco a interação entre a música erudita e popular. É integrante da Orquestra Popular de Câmara, do conjunto de choro Moderna Tradição e dirigente da gravadora Núcleo Contemporâneo, especializada em música instrumental brasileira.

Já o Núcleo é ligado à organização não-governamental Açaí Cultura e Arte, fundada em 1973 e sediada no parque

da Água Branca, em São Paulo. A entidade tem por objetivo difundir o folclore e a cultura popular nacional, promovendo atividades artísticas e programas de formação. Por isso o nome Açaí, que na mitologia tupi denomina um espírito habitante das florestas que possuía os indígenas, levando-os a um estado de transe.

Em 2002, a partir de convite para uma apresentação, realizada a céu aberto debaixo das árvores do parque da Água Branca, se iniciou uma parceria entre Taubkin e o Núcleo. Eles trabalham com arranjos contemporâneos de músicas tradicionais de diversas regiões do Brasil, com temas das caixas

devotas do Divino Espírito Santo, cantigas de congado de minas, sambas-de-roda do recôncavo baiano e cirandas pernambucanas. Em 2006, a experiência foi registrada no álbum *Cantos do nosso chão*, com participação de João Taubkin, Mônica Salmaso e Paulo Freire.

A apresentação de Benjamin Taubkin e do Núcleo de Música do Açaí será realizada no dia 7 de agosto, às 19h, no Salão de Atos. Os ingressos custam 1kg de alimento não-percível e podem ser retirados no Museu da UFRGS, a partir de 4 de agosto. Informações pelo telefone 3308-3034.

CINEMA

Segundas no cinema Adufrgs

ÔNIBUS 174 (Brasil, 2002, 118 min.) de José Padilha. Documentário que apresenta uma investigação cuidadosa sobre o seqüestro de um ônibus na zona sul do Rio de Janeiro, ocorrido em junho de 2000. O diretor desvenda a história de vida do seqüestrador, um dos meninos de rua que havia sobrevivido à chacina da Candelária. Data: 14 de julho, segunda-feira Local e horário: Sala Redenção, às 19h Entrada franca

História vai ao cinema com Aplicação

Ciclo que traça um panorama histórico dos acontecimentos ocorridos entre o final do século XIX e a década de 90. Sessões seguidas de debates.

A QUEDA (Alemanha/Itália, 2004, 156min.), de Oliver Hirschbiegel. A secretária de Hitler narra os últimos dias do líder alemão, quando a derrota para as tropas aliadas já se mostrava inevitável. Sessão: 16 de julho, quarta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 19h R\$ 3

CURSOS & PALESTRAS

Núcleo de estudos da canção na Universidade

Atividade coordenada pelo professor Luís Augusto Fischer, com encontros mensais. A idéia é promover discussões sobre música brasileira a partir de relatos de pesquisa, ensaios sobre canção e conferências com mestrandos e doutorandos na área. A frequência é livre. Data: 12 de agosto Local e horário: Museu da UFRGS, às 18h Entrada franca

Antropologia e envelhecimento: estudos de memória coletiva, sociabilidade, trajetória e projeto social em contextos urbanos

Jornada promovida pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento da PROEXT-UFRGS para apresentação de trabalhos de pesquisa. Data: 15 de julho, terça-feira Local e horário: sala 601 da Faculdade de Educação da UFRGS, das 9h às 17h Informações: 3308-5283 ou 3idade@ufrgs.br

68: o ano que jamais terminará

Projeto do IFCH que resgata os principais temas e acontecimentos do mítico ano de 68 através da produção cinematográfica da época. Após cada sessão, debate com professores e alunos de graduação ou pós-graduação do Departamento de História.

A NOITE DOS MORTOS-VIVOS (EUA, 1968, 96 min.), de George Romero. Acoçados por zumbis que se alimentam de carne humana, sete desconhecidos se refugiam em uma fazenda isolada. Para sobreviver, terão que superar as dificuldades de relacionamento entre eles. Sessão: 12 de julho, sábado Local e horário: Sala Redenção, às 15h30min R\$ 2



THE EDUKATORS (Áustria/Alemanha, 2004, 127 min.), de Hans Weingartner. Dois jovens invadem mansões como forma de protesto. Pegos em uma das incursões, junto com a namorada de um deles, seqüestram o dono da casa e fogem para o campo. Sessão: 19 de julho, sábado Local e horário: Sala Redenção, às 15h30min R\$ 2

EXPOSIÇÃO

UniarTE

DECOMPOSIÇÃO: TEMPO, LUGAR E SUAS MARCAS Fotos de prédios abandonados em que Lillian Santos Gomes reflete sobre a transitoriedade no mundo contemporâneo. Visitação: até 18 de julho Local e horário: Museu da UFRGS, de segunda a sexta, das 9h às 18h Entrada franca

SILENCIOSOS Desenhos de Simone da Rocha Conceição que reproduzem relevos de troncos de árvores, explorando detalhes sutis como a textura. Visitação: 24 de julho a 8 de agosto Local e horário: Museu da UFRGS, de segunda a sexta, das 9h às 18h Entrada franca

Circuito Cultural Banco do Brasil

Projeto itinerante que leva arte e cultura a várias cidades brasileiras.

CIDADE OCULTA (Brasil, 1986, 80min.), de Chico Botelho. Ex-presidiário reencontra antigo comparsa, que agora chefia uma organização criminosa na capital paulista. Sessão: 21 de julho, segunda-feira Local e horário: Sala Redenção, às 15h30min Entrada franca

CARLOTA JOAQUINA (Brasil, 1994, 101min.), de Carla Camurati. Um painel da vida da esposa de D. João VI. Sessões: 21 e 23 de julho, segunda e quarta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 17h30min no dia 21 e às 15h30min no dia 23 Entrada franca

INFIEL (Suécia, 2000, 150 min.), de Liv Ullmann. Esposa vive casamento infeliz com maestro famoso até que inicia um tórrido caso extraconjugal com o melhor amigo do marido. Roteiro de Ingmar Bergman. Sessão: 21 de julho, segunda-feira Local e horário: Sala Redenção, às 19h30min Entrada franca



CAFUNDÓ (Brasil, 2005, 98min.), de Paulo Betti. Filme inspirado em um personagem real saído das senzalas do século XIX: o preto velho João de Camargo, tropeiro, ex-escravo, deslumbrado com o mundo em transformação e desesperado para viver nele. Sessão: 22 de julho, terça-feira Local e horário: Sala Redenção, às 15h30min Entrada franca

EXPOSIÇÃO

Cinema para a terceira idade

Ciclo que propõe reflexões sobre o envelhecimento através de debates com profissionais convidados. Promoção conjunta da Sala Redenção e do Curso de Especialização em Gerontologia Social do Instituto de Psicologia.

A PROMESSA (EUA, 2001, 123min.), de Sean Penn. Prestes a se aposentar, policial recebe a missão de examinar o local onde ocorreu o assassinato de uma garota de sete anos. Ao prometer à mãe da menina encontrar o culpado do crime, decide continuar as investigações por conta própria. Sessão: 22 de julho, terça-feira Local e horário: Sala Redenção, às 17h30min Entrada franca

O PAGAMENTO FINAL (EUA, 1993, 144min.), de Brian de Palma. Advogado tira extracurricularmente a prisão usando brecha na lei. Em liberdade, ele tenta andar na linha, mas o advogado lhe faz uma proposta tentadora. Sessão: 22 de julho, terça-feira Local e horário: Sala Redenção, às 19h30min Entrada franca



SONATA DE OUTONO (Suécia, 1978, 92min.), de Ingmar Bergman. Ressentimentos repressados, sufocados ao longo de anos entre mãe omissa e filha retraída, registrados pela câmera do legendário cineasta sueco. Sessão: 23 de julho, quarta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 17h30min Entrada franca



MENINA DE OURO (EUA, 2004, 137 min.), de Clint Eastwood. Jovem determinada e veterano treinador de boxe conseguem muitas vitórias, até o destino mudar suas vidas. Vencedor de quatro Oscars. Sessão: 23 de julho, quarta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 19h30min Entrada franca

ONDE?

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Av. Paulo Gama, s/nº
Fone: 3308-3120

MUSEU DA UFRGS
Osvaldo Aranha, 277
Fone: 3308-3436/4022

PLANETÁRIO
Ipiranga, 2.000
Fone: 3308-5384

SALA ALZIRO AZEVEDO
Av. Salgado Filho, 340
Fone: 3308-4371/4374

SALA QORPO SANTO
Rua Luiz Englert, s/nº
Fone: 3308-3080

SALA REDENÇÃO
Luiz Englert s/nº
Fone: 3308-3390/3933

SALÃO DE ATOS
Av. Paulo Gama, 110
Fone: 3308-3066

ESPECIAL

Cineesquemanovo 2008

Está aberta, até o dia 1º de agosto, a seleção de trabalhos para o CineEsquemaNovo 2008 - Festival de Cinema de Porto Alegre. As inscrições serão feitas exclusivamente através da Internet, por meio do site www.cineesquema.org. Filmes de todos os formatos, gêneros, técnicas e bitolas, finalizados a partir de abril 2006, podem concorrer nas três mostras competitivas: Mostra de Curtas e Médias (até 59 minutos), Mostra de Longas (acima de 60 minutos) e Mostra Sala de Aula (filmes feitos exclusivamente em universidades, cursos, ensino médio e oficinas).

TEATRO

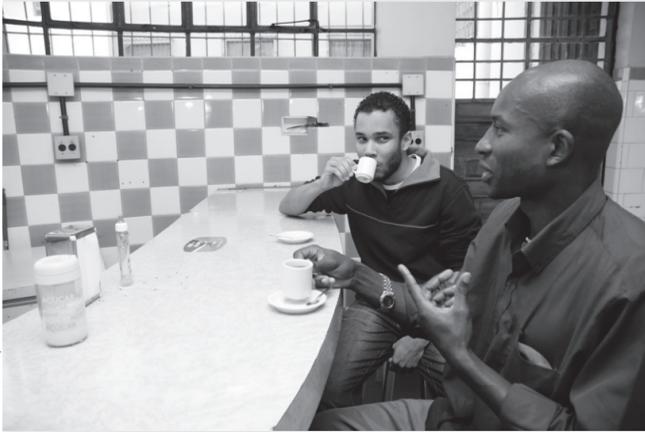
Mostra de Teatro DAD 2008/1

DESEJO PEGO PELO RABO
Um dos três textos dramáticos de Pablo Picasso, a peça utiliza personagens alegóricos e frases recheadas de jogos de palavras. Desenvolvido como atividade de Estágio de Direção II de Júlia Rodrigues, com orientação do professor Irion Nolasco, Estágio de Atuação II de Carolina Pommer e Estágio de Atuação I de Juliana Dias e Kayane Rodrigues, com orientação da professora Gisela Habeyche. Elenco: Cidele Donato, Carolina Pommer, Daniela Dutra, Juliana Dias, Kayane Rodrigues, Sofia Schul e Ricardo Zigomático. Apresentações: 7 a 11 de julho Local e horário: Sala Alziro Azevedo, às 19h (dias 7 a 10) e às 20h (dia 11), com sessão especial às 12h30min (dia 9). Entrada franca, com

retirada de senhas no local uma hora antes do espetáculo.

ZONA CONTAMINADA
A peça conta a saga de duas irmãs, únicas sobreviventes da raça humana em um mundo destruído e contaminado. Através da história das personagens, discute sexo, poder e as causas que levaram o planeta à destruição. O espetáculo foi montado pelas estudantes Beliza Gonzales, na disciplina Estágio de Montagem I, e Paola Moraes, em Estágio de Atuação I, sob orientação da professora Luciana Éboli. O texto é do escritor Caio Fernando Abreu. Elenco: Anildo Bôes Neto, Camila Galarza, Camila Ribeiro, Ian Ramil e Paola Moraes. Apresentações: 7 a 11 de julho Local e horário: Sala Qorpo Santo, às 19h Entrada franca

Meu Lugar na UFRGS



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

Um bar em comum

A Lancheria Dona Sarah é um local conhecido da comunidade acadêmica, mas não com esse nome. A proprietária do Bar da Economia, Alessandra Lahude Lopes, explica que o estabelecimento pertenceu a sua avó, depois ao seu pai e enfim ficou sob a sua tutela. Situada no térreo da Faculdade de Ciências Econômicas (FCE), é uma lanchonete universitária como qualquer outra: salgadinhos em exposição no balcão, paredes de azulejo, mesas e cadeiras de plástico, cheiro de café no ar. Mas é o lugar na UFRGS preferido por Jean Christian Boukouna (na foto, à direita), do Congo e Antônio Pedro Brito Delgado (à esquerda), de Cabo Verde. Os estudantes africanos dão ao espaço uma conotação de passagem e integração. O cabo-verdiano conta que o cafezinho no Bar da Economia é tradicional após o almoço no Restaurante Universitário. Para o congolês, a preferência pelo local se dá por sua localização no Campus Centro, defronte ao RU.

Alessandra dedica igual atenção a todos os frequentadores, mas admite que a alegria invade o local quando um grupo de africanos ali se concentra. “São divertidos, um deles nos ensina expressões em crioulo”, relata. O clima é tão especial que até seu marido, dono de uma cafeteria na Faculdade de Direito, costuma ir à lancheria para se distrair.

Apesar de terem nascido no mesmo continente, estarem estudando na mesma universidade e apontarem o Bar da Economia como o seu espaço predileto na UFRGS, a trajetória de Christian e Antônio é bastante distinta.

Nascido na República do Congo, Christian teve uma parte de sua criação na França. Posteriormente, graduou-se em Agronomia em Cuba e trabalhou no Equador para uma companhia francesa de cultivo de dendê. Também já havia morado na Espanha, México, Peru e Colômbia. Em 2005, veio para o Fórum Social Mundial e ficou. O agrônomo pesquisou em qual parte do país fazia mais frio e elegeu o estado para estudar. Mas por que esta Universidade? “Ela estava entre as melhores do Brasil; o frio + uma boa universidade = UFRGS”, equaciona o congolês.

No 3º semestre do mestrado em Ciências do Solo na Faculdade de Agronomia, Christian terminou os créditos a serem cursados e prepara a dissertação. Professor de francês em um centro cultural de Porto Alegre, ele conta que o processo de seleção para a pós-graduação não é fácil: “Mas na minha vida foi sempre assim: poder é querer. Quem quer,

tem que persistir”. O agrônomo também pensa em realizar o doutorado, se houver possibilidade, caso contrário, parte para outra. “Sempre digo: eu deixo a vida me levar, os passos vou marcando.” Quanto a voltar para o Congo e exercer sua profissão, sua vontade pende para o sim, mas repete: “Como disse, vou aonde a vida me precisar”. Se Christian tem orgulho da sua terra? “Tem que ser”, responde com sotaque carregado.

Já o tímido Antônio Delgado está no 7º semestre do curso de Administração, via Programa de Estudantes Convênio de Graduação do MEC (PEC-G). Os cabo-verdianos têm a oportunidade de frequentar o ensino superior no Brasil, em Portugal, Cuba, Rússia e até na China. Com a facilidade da língua, o estudante ficou indeciso entre o nosso país e o lusitano, porém julgou que o primeiro seria mais parecido com a terra natal e que o ensino daqui, de qualidade e menos formal que o europeu, possibilitaria mais proximidade com os professores.

A UFRGS não estava entre as opções de universidades brasileiras do africano, mas ele aceitaria estudar em qualquer instituição que lhe oferecesse uma vaga: “Daí vim estudar aqui e estou adorando. O curso de Administração é bem conceituado”. Antônio aproveita os espaços da Universidade nas horas livres: os diretórios e centros acadêmicos para jogar sinuca, as exposições do Museu Universitário e a estrutura da ESEF para jogar vôlei nos finais-de-semana. O graduando ainda conserva o sotaque, mas afirma que nunca sentiu dificuldade de se comunicar ou entender o que lhe era falado. Adaptado à cidade, o rapaz pretende ingressar no mestrado da Escola de Administração.

Os estudantes africanos cursaram créditos no prédio da FCE, mas conheciam a lancheria desde antes. O congolês Christian considera que o aproveitamento dos intercâmbios não deve ser somente científico, mas também cultural. O ambiente do bar é uma forma de iniciar essa troca, pois é um espaço de encontro, conversa e vínculos: terminada a entrevista, antes de sair, Antônio acena para Alessandra, que está atrás do caixa. (Caroline da Silva)

Esta coluna é resultado de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas de televisão com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET nas segundas, terças, quintas e sextas-feiras, a partir das 21h30min.

Você tem o seu lugar na UFRGS? Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém – com este local

Perfil Caminhos a serem traçados

Caroline da Silva

Garoto fascinado pela eletricidade, naturalmente, tornou-se engenheiro eletricitista. Mas optou por eletrônica e trabalha com Informática. Agora, está prestes a se tornar advogado. Roberto Manoel Juckowsky Macedo ingressou na UFRGS como estudante de Engenharia em 1969 e nunca mais saiu. O servidor técnico-administrativo e também docente do Instituto de Informática atua no Centro de Processamento de Dados da Universidade (CPD), à frente da coordenação de informática do vestibular. Quem já foi fiscal do concurso de seleção com certeza conhece o Macedo. É ele quem ministra o treinamento para os integrantes do processo e, a cada ano, anuncia novos mecanismos para evitar fraudes – o do próximo ano será a revista eletrônica.

Infância – Roberto Macedo nasceu em Porto Alegre, mas logo foi morar em Criciúma e depois em Bagé: “meu pai, Engenheiro de Minas, participou da construção da usina termelétrica de Candiota”. Filho do meio, ele afirma ter ótimas recordações da infância. Em Candiota, residiam na vila da obra da usina. “Havia os filhos dos operários, era uma grande turma. De manhã, íamos para a escola; à tarde, vivíamos soltos no descampado, jogando futebol”.

Dessa fase, recorda um episódio muito marcante. Contou que os garotos gostavam de caçar passarinhos, faziam fundas e bодоques, mas ele nunca tinha conseguido acertar um pássaro. Até que num belo dia, atirou e acertou. “Eu passei a noite inteira com a consciência pesada, pensando que poderia ser uma passarinha com filhotes, que ficaram sozinhas. Nunca mais fiz isso na vida, nunca mais pensei em matar qualquer bicho. Foi horrível!”.

Estudos – Em 1959, seu pai saiu da Companhia Estadual de Energia Elétrica para dar aulas na UFRGS, no curso de Engenharia de Minas. Quando a família retornou a Porto Alegre, o menino estava cursando a quarta série na escola da vila Dario Lassance. Na capital, o colégio escolhido foi o Rosário, onde o pai também havia estudado. Na instituição marista, Macedo permaneceu até o final do Científico.

O interesse pela eletricidade começou por volta dos 14 anos: “Mexia em tudo que era aparelho elétrico, aí meu pai me inscreveu em um curso de eletrônica”. Com 16 anos, fez o curso, aprendeu a montar amplificadores, fontes e consertava tudo dentro de casa. “Parecia que a minha vida estava direcionada pela eletricidade. No final do segundo grau, tive um amigo que também adorava essa parte e começamos a montar intercomunicadores, passávamos o dia inteiro envolvidos com eletrônica.”

Em 1969, prestou o vestibular para Engenharia na UFRGS e na PUCRS, “por motivos óbvios, escolhi a primeira”, narra. “Parecia que meu futuro era a engenharia eletrônica”, relembra, advertindo que uma guinada iria ocorrer. Macedo recorda que, em 1971, cursou uma disciplina de programação Fortran e ficou apaixonado.

**Analista
Macedo conta
história conduzida
por paixões e
descobertas**



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

“Mexia em tudo que era aparelho elétrico, aí meu pai me inscreveu num curso de eletrônica.”

Informática – Gostou tanto de programação de computadores, saiu-se tão bem na disciplina, que lhe convidaram para ser monitor. Posteriormente, foi bolsista do CPD como programador. “Quando criaram a carreira, quem estava vinculado ao Centro foi contratado. Aí eu era aluno e funcionário da Universidade”. Macedo graduou-se em dezembro de 1974. Em março do ano seguinte, já estava fazendo mestrado em Engenharia de Sistemas na UFRJ.

Em 1976, teve que voltar a trabalhar no CPD e escreveu sua dissertação a distância; só foi defendê-la em julho de 1979. Dentro do órgão, acompanhou todas as transformações tecnológicas e estruturais porque passou a UFRGS, chegando a ser diretor de 1990 a 1996. Após essa etapa, assumiu a coordenação de informática do vestibular, outro assunto pelo qual se diz apaixonado.

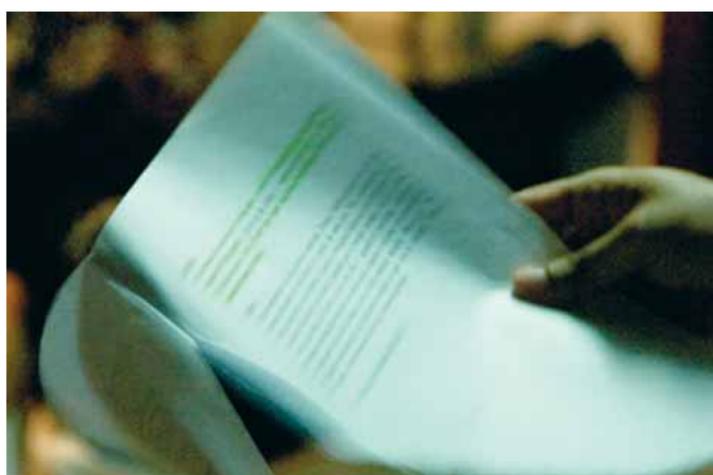
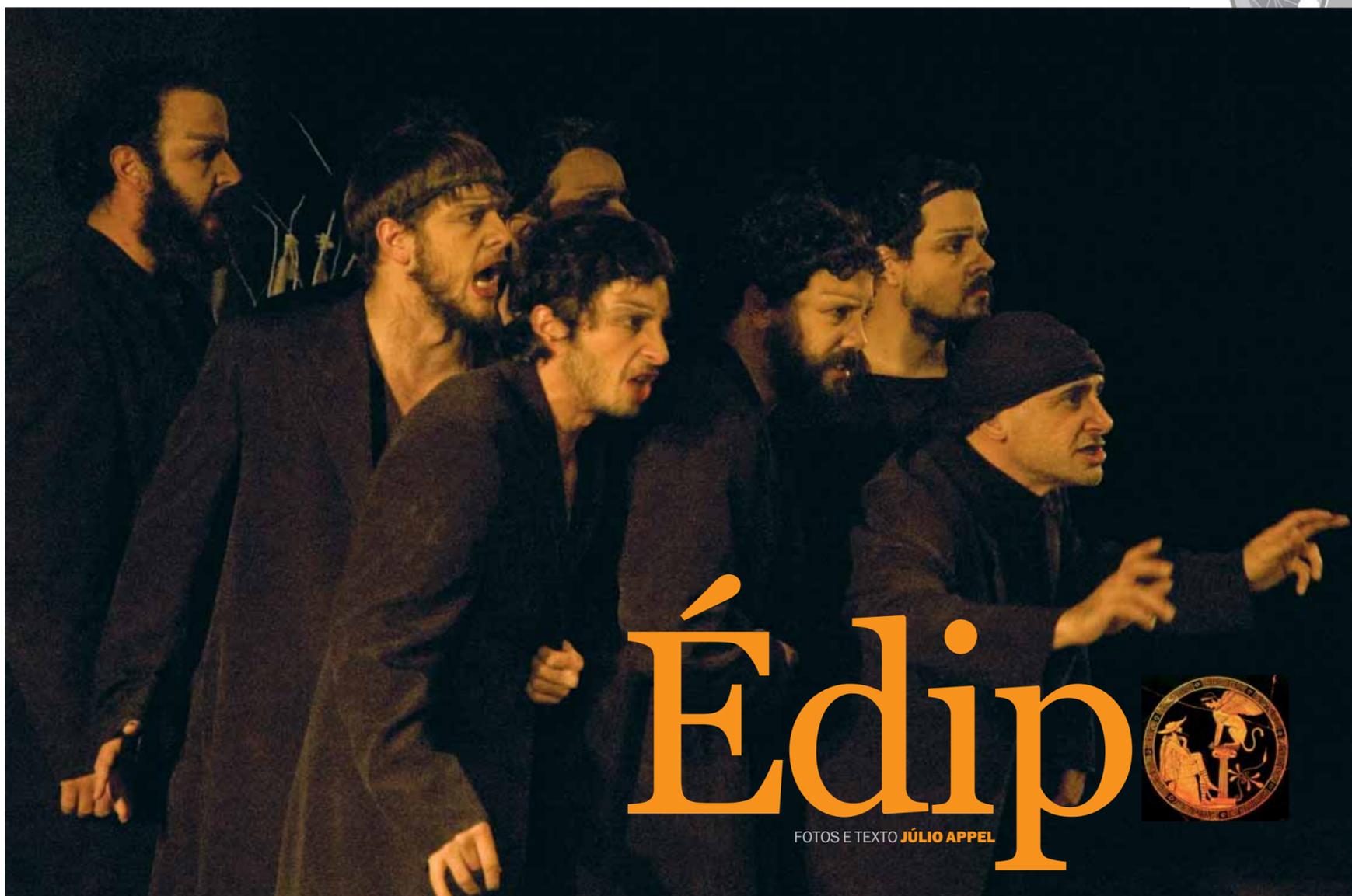
Desafios – Com orgulho, o engenheiro conta que a UFRGS foi a pioneira no país ao introduzir a inscri-

ção para o concurso com geração de boleto bancário pela Internet. “Implementamos algumas novidades no nosso vestibular que até hoje perduram e são bastante imitadas. Uma delas é a coleta da impressão digital.”

Macedo tem ainda novas propostas quanto ao processo seletivo de ingresso na UFRGS. Apesar de ter a perspectiva de aposentadoria neste ano, diz estar em dúvida sobre o que quer, mas garante que até a passagem do próximo concurso não se aposenta. Como não deseja “parar a cabeça”, há alguns anos, fez o vestibular para Direito na PUCRS e deve formar-se em dezembro deste ano. Julga a área Criminal a mais bonita, pelas teorias e implicações sociais envolvidas, mas pretende atuar na área Cível, ajudando as pessoas com dificuldade de acesso ao Poder Judiciário.

Ele se julga uma pessoa diferente, pois trabalha com Informática o dia todo, mas não usa o Orkut ou o MSN. O analista diz não usar o computador em casa como passatempo e que lazer é viajar. Outra particularidade sua é ler o manual de todo aparelho que compra antes de usá-lo.

A razão de tantas paixões ao longo da vida vem do fato de realizar tudo com amor: “ter uma vida tranqüila é aliar prazer e trabalho”. Diz que seu pai, numa família de seis irmãos, foi o único que quis estudar, e por isso o chamavam de vagabundo. Essa vontade de crescer e se aprimorar é o exemplo que quer passar também aos seus filhos.



JÚLIO APPEL
É MÉDICO
FORMADO
PELA UFRGS.
NA ÁREA DA
FOTOGRAFIA,
ENTRE OUTRAS
ATIVIDADES,
É MEMBRO DO
FOToclUBE
PARALELO 30.

Registros de cena

As imagens desta página são fotos dos ensaios e apresentações da mais recente montagem teatral de Édipo, em Porto Alegre. Dirigida por Luciano Alabarse, esteve em cartaz no Theatro São Pedro, em junho passado. Participei e documentei desde os primeiros encontros do Projeto Édipo, quando, sentados ao redor de uma mesa, se reuniam diretor, atores e equipe de produção para discutir as primeiras diretrizes do trabalho.

Li na íntegra o texto *Édipo Rei*, adaptado e mixado pelo diretor com *Édipo em Colono*, terceira peça da trilogia que é utilizada como ponto de partida para o espetáculo. Édipo, já velho, cego, exilado e rejeitado pelos filhos homens, é amparado por sua filha Antígona e por sua irmã Ismena no bosque sagrado de Colono, um povoado próximo a Atenas. No enredo, o protagonista vai contando a sua vida em forma de *flashback*. Através do visor de minha câmera, visualizei os primeiros movimentos do coro sob o olhar de Alabarse, ao som da voz rasgada de Mick Jagger cantando:

**Please allow me to introduce myself,
I'm a man of wealth and taste,
I've been around for a long, long year
Stole many a man's soul and faith"**

Aos poucos, fui-me tornando rotineiro, quase parte do cenário, procurando não desviar a atenção dos atores. A maior dificuldade na elaboração deste ensaio foi escolher somente algumas fotografias: impossível mostrar todos os personagens e atores envolvidos neste trabalho.

Além desta página, as imagens foram expostas no foyer do São Pedro durante a temporada de estréia. A peça *Édipo* voltará a cartaz, em agosto, no Teatro Renascença.

